



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

LUIZ ANDRÉ DOS SANTOS SILVA

PRESENÇA/AUSÊNCIA NA EJA. POR QUE ISSO ACONTECE?

JOÃO PESSOA - PB

2014

LUIZ ANDRÉ DOS SANTOS SILVA

PRESENÇA/AUSÊNCIA NA EJA. POR QUE ISSO ACONTECE?

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Prof.^a Dra. SORAIA CARVALHO DE SOUZA – UEPB

Orientadora

JOÃO PESSOA - PB

2014

S586p Silva, Luiz André dos Santos

Presença/ausência na EJA. por que isso acontece?
[manuscrito] / Luiz André dos Santos Silva. - 2014.
71 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Soraia Carvalho de Souza, Departamento de
Centro de Ciências Sociais Aplicadas".

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Evasão. 3.
Aprendizagem. I. Título.

21. ed. CDD 374

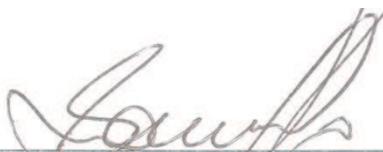
LUIZ ANDRÉ DOS SANTOS SILVA

PRESENÇA/AUSÊNCIA NA EJA. POR QUE ISSO ACONTECE?

Monografia apresentada Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

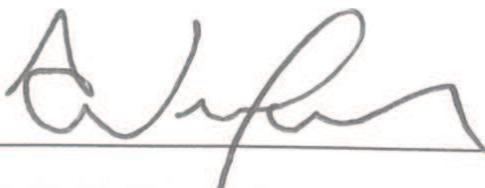
Monografia Aprovada em 19/07/2014.

BANCA EXAMINADORA:

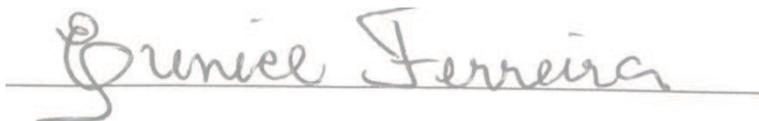


Presidente- **Soraia Carvalho de Souza**

Professora Dra. Soraia Carvalho de Souza - Orientadora - UEPB



Professor Dr. Carlos Nunes Guimarães - UEPB



Professora Msc. Eunice Ferreira - UEPB

Campina Grande - PB

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus pelo dom da vida, por ter plenas condições físicas e mentais de estudar, e realizar outras atividades, concedendo-me força nos momentos de fraqueza.

Em especial aos meus pais Luiz e Rita que sempre estiveram presente em todos os momentos da minha vida, brigando, incentivando, apoiando e acreditando em mim.

Aos meus irmãos, Hugo e Janaína por serem exemplos de força e perseverança, e pelo apoio incondicional prestados a mim em todos os sentidos.

A minha esposa, Francineide que participou com amor, carinho e dedicação, compreendendo os momentos de ausência que foram necessários para o desenvolvimento deste trabalho.

A minha amiga e orientadora Soraia, por toda dedicação, atenção e paciência. Que diante das minhas dificuldades, desde o tempo de graduação, sempre me mostrou o melhor caminho na busca da realização de uma nova conquista.

Aos meus amigos da graduação, que contribuíram, dando força para o desenvolvimento deste trabalho, acreditando e torcendo para que meus sonhos se tornassem realidade.

Agradeço a todos os colegas de curso que assim como eu tiveram a perseverança de lutar nas maiores tribulações e sair vitorioso, levarei sempre no coração os bons momentos e quanto aos ruins tomarei como aprendizado, em especial a amiga Márcia, que me ajudou a dar os primeiros passos no Projeto e sempre esteve comigo quando precisei de sua ajuda. Que Deus te abençoe sempre minha amiga.

A E.E.E.F.M. Irineu Pinto que me acolheu desde o primeiro dia com muito amor e carinho, a todos que fazem parte desta, em especial a Dona Moça, Val e Juliana, pela ajuda prestada na captação de dados para este trabalho.

Finalmente, aos meus professores, pelos ensinamentos prestados, que foram essenciais à minha formação.

A problemática da evasão escolar deve ser vista sob vários ângulos, tais como: “sobre o aprendizado... sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público, sobre a igualdade das chances, sobre os recursos que o país deve investir em seu sistema educativo, sobre a crise, sobre os modos de vida e o trabalho na sociedade de amanhã, sobre as formas de cidadania”.

Charlot (2000, p. 18)

SILVA, Luiz André dos Santos. **Presença/ausência na EJA. Por que isso acontece?** UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO, 2014.

A evasão escolar é um problema antigo no Brasil e tido como comum entre alguns profissionais da educação, que no início do ano letivo não se preocupam em lotar as salas de aulas já que sabem que muitos dos alunos desaparecerão da escola. O presente estudo tem como objetivo investigar a causa ou a motivação para uma baixa frequência e a crescente evasão na EJA na E.E.E.F.M. Irineu Pinto. A pesquisa investigou a equipe técnica da escola, bem como os professores que trabalham neste segmento, tentou captar as concepções dos alunos sobre a mesma, suas atividades, os projetos desenvolvidos e as principais dificuldades na realização das atividades. O estudo, utilizando-se de elementos da pesquisa quantitativa e qualitativa, aplicou questionários junto à gestão, professores e alunos. Na pesquisa constatamos que as principais dificuldades da escola e dos professores para contribuir com a educação na EJA é a falta de tempo para planejamento e realização de atividades que sejam pertinentes com a realidade do alunado. Podemos constatar que os professores ainda trabalham na EJA de forma fragmentada, contribuindo minimamente para uma educação voltada para uma sociedade transformadora e consciente. Há um reconhecimento por parte dos docentes em relação à importância de se investir na formação de professores, a fim de contribuir para reverter o quadro de evasão escolar, porém a questão não é quantitativa, e sim qualitativa.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Evasão. Aprendizagem.

SILVA , Luiz André dos Santos . **Presence / absence in the EJA . Why does this happen ?** State University of Paraíba - UEPB - SPECIALIZATION COURSE IN GROUNDS OF EDUCATION , 2014.

A dropout is an old problem in Brazil and considered common among some education professionals, who early in the school year do not bother to fill classrooms as they know that many of the students disappear from school. The present study aims to investigate the cause or motivation for a low dropout rate and increasing the EJA in EEEFM Irineu Pinto. The research investigated the technical staff of the school and the teachers who work in this thread, tried to capture the students' conceptions about the same, their activities, projects developed and the main difficulties in performing activities. The study, using elements of qualitative and quantitative research, questionnaires applied by the management, teachers and students. In the survey found that the main difficulties of the school and teachers to contribute to education in adult education is the lack of time for planning and conducting activities that are relevant to the reality of the students. We can see that the teachers still work in adult education in a piecemeal fashion, minimally contributing to an education directed toward a transformative and conscious society. There is a recognition on the part of teachers about the importance of investing in the training of teachers in order to help reverse the dropout, but the question is not quantitative, but qualitative.

Keywords : Youth and Adult Education . Evasion. Learning .

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.0 – Situação da Reprovação no Brasil.....	21
Figura 2.0 – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Pinto.....	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.0 – Evasão no EJA - 2007.1.....	43
Gráfico 2.0 – Evasão no EJA - 2007.2.....	44
Gráfico 3.0 – Evasão no EJA - 2008.1.....	45
Gráfico 4.0 – Evasão no EJA - 2008.2.....	46
Gráfico 5.0 – Evasão no EJA - 2009.1.....	47
Gráfico 6.0 – Evasão no EJA - 2009.2.....	48
Gráfico 7.0 – Evasão no EJA - 2010.1.....	49
Gráfico 8.0 – Evasão no EJA - 2010.2.....	50
Gráfico 9.0 – Evasão no EJA - 2011.1.....	51
Gráfico 10.0 – Evasão no EJA - 2011.2.....	52
Gráfico 11.0 – Evasão no EJA - 2012.1.....	53
Gráfico 12.0 – Evasão no EJA - 2012.2.....	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.0 – Taxa de Analfabetismo no Brasil.....	19
Tabela 2.0 – Índice de Analfabetos no Brasil.....	20
Tabela 3.0 – Motivos para a Evasão.....	22

LISTA DE ABREVIATURAS

CEB – Ciclos de Estudos Básicos

E.E.E.F.M. – Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental

EJA – Educação para Jovens e Adultos

FHC – Fernando Henrique Cardoso

FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

PEB – Professores de Educação Básica

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
2.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA.....	18
2.2 PRINCIPAIS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	18
2.2.1 O Analfabetismo.....	18
2.2.2 Repetência.....	20
2.2.3 Evasão.....	22
2.3 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS.....	23
2.4 A EVASÃO ESCOLAR: SUAS DIVERSAS FACES E IMPLICAÇÕES.....	26
2.5 A APRENDIZAGEM E SEU TEMPO.....	27
2.6 METODOLOGIA PARA EJA.....	29
2.7 NOVOS E ANTIGOS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES DA EJA.....	31
2.8 PERFIL DOS DISCENTES DA EJA.....	32
3. METODOLOGIA.....	34
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	34
3.2 LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO.....	35
3.2.1 Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Pinto	35
3.3 METODOLOGIA E ELABORAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.....	38
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	39
4.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS QUESTIONÁRIOS.....	39
4.1.1 Resultados e discussão do questionário aplicado à Supervisão Pedagógica da E. E. E. F.M. Irineu Pinto.....	40
4.1.2 Resultados e discussão do questionário aplicado aos Professores da EJA na E.E.E.F.M. Irineu Pinto.....	40
4.1.3 Resultados e discussão do questionário aplicado ao corpo técnico da E.E.E.F.M. Irineu Pinto	41
4.1.4 Resultados e discussão dos questionários aplicados aos alunos da EJA na E.E.E.F.M. Irineu Pinto.....	42

4.2 ANÁLISE DOS ALUNOS MATRICULADOS VERSUS EVASÃO NAS TURMAS DA EJA DE 2007 A 2012 DA E.E.E.F.M. IRINEU PINTO.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
6 REFERÊNCIAS.....	59
7 APÊNDICES.....	62
APÊNDICE 1: Questionário aplicado à supervisão pedagógica da EJA.....	62
APÊNDICE 2: Questionário aplicado aos professores da EJA.....	64
APÊNDICE 3: Questionário aplicado ao corpo técnico da escola	66
APÊNDICE 4: Questionário aplicado aos alunos da EJA.....	68
8 ANEXOS	70
ANEXO 1.....	70

1. INTRODUÇÃO

A evasão escolar em qualquer nível de ensino é um desafio para os profissionais da educação e uma chaga no nosso sistema de ensino. Números da evasão no Brasil mostram que a todo ano milhares de crianças e adolescentes deixam as salas de aulas pelos mais diversos motivos.

A evasão escolar é concretizada quando o aluno deixa de frequentar as aulas no decorrer do ano letivo. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira - INEP-, no ano de 2007, a cada 100 alunos que se matriculam na 1ª série do Ensino Fundamental, apenas 5 deles conseguem concluir o curso. 4,8% dos alunos desse ensino deixaram a escola. Parece ser um percentual pequeno, mas corresponde a quase um milhão e meio de alunos. No Ensino Médio esse percentual chega a 13%, algo em torno de quatro milhões.

A maioria desses alunos retornou às salas de aulas com uma defasagem idade/série que inevitavelmente, os trará conflitos variados e mais uma vez evasão. É neste contexto que está inserida a Educação de Jovens e Adultos, para atender a essa clientela tão diversa e de interesses distintos. Sujeitos que há anos pararam de estudar por diversos motivos, retornam à sala de aula, sendo por vontade própria, ou por “determinação” do mercado de trabalho turbulento dos tempos atuais. Cada sujeito teve um motivo próprio para parar de estudar, e possui um motivo tão próprio para retornar.

Quando retornam, muitos têm muita dificuldade em acompanhar os conteúdos e, em diversos casos, acabam desistindo muito facilmente, sem, ao menos, tentarem entender o que lhes “bloqueia” o aprendizado.

As causas da evasão na EJA como apontam nosso referencial, são diversas, como é diversa a sua clientela, como por exemplo, problemas socioeconômicos, falta de qualificação dos profissionais e metodologias inadequadas.

No referencial teórico trataremos um quadro dos principais desafios da educação brasileira: Analfabetismo, evasão e repetência dando enfoque a EJA. Faremos um apanhado dos primórdios da EJA no Brasil, sua origem, seu desenvolvimento e seus desafios no contexto atual. O principal desafio que enfocaremos, evidentemente, será a evasão nessa modalidade de ensino. Todo

esse contingente de Jovens e Adultos que hoje estão fora da sala de aula um dia sentirão as consequências da falta de escolarização, seja pela necessidade do dia-a-dia, seja por exigência do mercado de trabalho por um diploma.

Sujeitos que há anos pararam de estudar por diversos motivos, retornam à sala de aula, sendo por vontade própria, ou por “determinação” do mercado de trabalho turbulento dos tempos atuais. Cada sujeito teve um motivo próprio para parar de estudar, e possui um motivo tão próprio para retornar. Quando retornam, muitos têm muita dificuldade em acompanhar os conteúdos e, em diversos casos, acabam desistindo muito facilmente, sem, ao menos, tentarem entender o que lhes “bloqueia” o aprendizado.

Foi ciente dessa realidade e diante das dificuldades no exercício do Magistério na Escola Estadual de 1º e 2º graus Irineu Pinto localizada na Cidade de Bayeux no Estado da Paraíba, que surgiu esse trabalho. Ao lecionar para jovens e adultos (EJA) e em algumas turmas regulares desde 2007, pode-se constatar a crescente evasão do alunado bem como o desestímulo pela permanência na escola.

Durante o estágio probatório, foram enfrentados vários desafios, que por vezes levou-nos a reflexão sobre o futuro no ofício de lecionar ou não. Entre os desafios mais gritantes, estava a grande deficiência de leitura e escrita de muitos estudantes. Não foi nada fácil, tinha que se passar o máximo de conteúdo por vez, visto que a alternância entre a presença e as faltas dos alunos, fazia com que o conteúdo ficasse empacado.

O primeiro capítulo é um breve resumo da história da educação de jovens e adultos, apresentando aspectos históricos e legais dessa modalidade de ensino. As características especiais do EJA também são apresentadas.

Na continuidade do trabalho decorre-se sobre alguns estudos que têm sido realizados sobre as questões de permanência, evasão e frequência na educação de adultos, que serviu como entrada para a pesquisa. Apresenta-se também como a pesquisa foi conduzida, mostrando os objetivos, a análise dos dados.

O foco da construção do diagnóstico desse trabalho foi em cima dos depoimentos de alguns alunos, em específico os do sexto e nono anos, onde pudemos levantar algumas informações a respeito do dia a dia e da realidade escolar, além da oferta de opções extra-escolares, que encaramos como oportunidades de incrementar e dar novo fôlego ao processo ensino aprendizagem.

Quando da realização da atividade em sala de aula, pudemos observar a postura da professora para com os alunos, onde a mesma tentava impor o respeito necessário à atividade e aos visitantes através de um tom de voz mais forte, o que nos mostrou o quão difícil é a tarefa da educação pública, onde a falta de estímulo e de recursos são visíveis.

No que tange à identidade, os alunos entrevistados se consideram parte da escola, de forma instintiva, formam um conceito de identidade com o bairro e com a escola que abraça seus amigos. “Os mesmos contaram que nos dias atuais a escola está tranquila, deixando claro que nem sempre foi dessa forma, pois, por aglutinar membros de várias comunidades, existem problemas inerentes ao público variado, mas que no geral, a escola é tranquila e boa de se estudar”.

Ao optar pela entrevista com os alunos, o intuito não foi o de esgotar os dados para a confecção de um dossiê, nem discutir a veracidade das informações repassadas, mas de captar as impressões que os alunos têm de sua escola, das necessidades que eles sentem ou projetam para um ambiente que possam congrega com todos os amigos, já que a escola não é apenas local sagrado de aprendizado, mas é também palco de novas amizades, descobertas inerentes às faixas etárias, local onde se fomenta as dúvidas e incertezas das mais tenras idades.

Foi diante deste contexto que nos propomos a responder ao seguinte questionamento: Quais as causas do elevado índice de evasão escolar na Escola Irineu Pinto?

Também é nosso objetivo demonstrar numericamente qual o percentual de alunos que já deixaram a escola. Consultar os segmentos da escola para evidenciar as causas do elevado índice de evasão. Verificar se a escola desenvolve alguma ação pedagógica para combater a evasão e sugerir ações para que os vários seguimentos da escola revertam ou diminuam a evasão.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

A Educação de Jovens e Adultos – EJA tem por finalidade, proporcionar a educação básica àqueles que não tiveram condições de frequentar, por quaisquer motivos, a escola, na idade tida como “correta”. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (Parecer CEB nº 11/2000), em concordância com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, apontam três funções como responsabilidade da EJA: reparadora (restaurar o direito a uma escola de qualidade); equalizadora (restabelecer a trajetória escolar); qualificadora (propiciar a atualização de conhecimentos por toda a vida).

Atualmente a idade mínima para frequentar a EJA é 15 (quinze) anos para o Ensino Fundamental, e 18 (dezoito) para o Ensino Médio. No Art. 22 LDB 9.394/1996, está prevista a Educação de Jovens e Adultos – EJA, classificada como parte integrante da Educação Básica. E, assim como a educação regular, é dever do governo disponibilizar educação de jovens e adultos, contudo, também existem instituições privadas, autorizadas a atender esta modalidade de ensino.

Sendo assim, é importante que conheçamos o processo de desenvolvimento da EJA no Brasil, pois a história nos fará compreender as muitas reformulações dessa modalidade educacional, inicialmente definida como “para o trabalhador”, e que ainda está em movimento, como todas as outras modalidades da educação.

2.2 PRINCIPAIS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

2.2.1 O Analfabetismo

Historicamente a educação no Brasil é um privilégio de poucos; quando da sua universalização, educação de qualidade tornou-se num artigo de luxo, também de poucos e, sempre esteve relacionada ao valor do homem na Sociedade.

Para que aumentem as possibilidades individuais de educação, e para que se tornem universais, é necessário que mude o ponto de vista dominante sobre o valor do homem na sociedade, o que só ocorrerá pela mudança de valoração atribuída ao trabalho. Quando o trabalho manual deixar de ser um estigma e se converter em simples diferenciação do trabalho social geral, a educação institucionalizada perderá o caráter de privilégio e será um direito concretamente igual para todos (PINTO, 2000, p.37).

O Brasil tem os maiores índices de evasão e repetência, ficando na 1ª posição na América Latina. Recentemente o Ministério da Educação – MEC- divulgou dados de um levantamento que mostra que o Brasil tem atualmente cerca de 16 milhões de analfabetos. Isso significa que essas pessoas são incapazes de ler e escrever um simples bilhete, os chamados analfabetos funcionais.

Segundo a mesma pesquisa o mapa do analfabetismo no país é preocupante, apesar da redução verificada nas últimas décadas. A pesquisa mostrou ainda que metade dos analfabetos se encontra em apenas 10% dos municípios brasileiros, com maior evidência nas capitais. O analfabetismo está diretamente relacionado com a pobreza e a raças historicamente discriminadas como as dos negros e a dos índios.

Abaixo desses bolsões, formando a linha mais ampla do losango das classes sociais brasileiras, fica a grande massa das classes oprimidas dos chamados marginais, principalmente negros e mulatos, moradores de favelas e periferias da cidade. São os enxadeiros, os bóias-frias, os empregados na limpeza, as empregadas domésticas, as pequenas prostitutas, quase todos analfabetos e incapazes de organizar-se para reivindicar. Seu desígnio histórico é entrar no sistema, o que sendo impraticável, os situa na condição da classe intrinsecamente oprimida, cuja luta terá de ser a de romper com a estrutura de classes. Desfazer a sociedade para refazê-la. (DARCY, 1995, p. 209).

O nordeste do país registra os maiores índices de analfabetismo como demonstra a Tabela 1.0.

Tabela 1.0 – Taxa de Analfabetismo no Brasil*

Região	Porcentagem da População
Nordeste	21,9%
Norte	11,5%
Centro-Oeste	8,9%
Sudeste	6,5%
Sul	5,9%

* a partir dos 15 anos de idade

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD de 2005

A explicação do elevado índice de analfabetos no Brasil está diretamente ligada às questões históricas como o tipo de colonização do Brasil, a escravidão, o poder nas mãos de uma elite conservadora que se apoderou das riquezas do país em benefício próprio e políticas assistencialistas na área educacional. Esse quadro começou a mudar com a pressão internacional e pelas novas exigências do mercado de trabalho.

A Tabela 2.0 apresenta dados sobre a taxa de analfabetismo no Brasil segundo o CENSO 2000. E verifica-se que está tendo uma diminuição acentuada com o passar dos anos, porém não se chegou ao ideal, quando não teremos mais pessoas analfabetas no Brasil.

Tabela 2.0 – Índice de Analfabetos no Brasil*

Ano	População de 15 anos ou mais		
	Total*	Analfabeta*	Taxa de Analfabetismo%
1900	9.728	6.348	65,3
1920	17.564	11.409	65
1940	23.648	13.269	56,1
1950	30.188	15.272	50,6
1960	40.233	15.964	39,7
1970	53.633	18.100	33,7
1980	74.600	19.356	25,9
1991	94.891	18.682	19,7
2000	119.533	16.295	13,6

*em milhões

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2000

2.2.2 Repetência

Recentemente a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – Unesco - divulgou o relatório de Monitoramento de Educação para 2010, e segundo esse relatório a qualidade da educação no Brasil é baixa, com destaque na

educação fundamental e no ensino médio. O relatório da Unesco apresenta uma melhora no ensino entre 1999 e 2007. Percentualmente a repetência no ensino fundamental brasileiro é de 18,7%, sendo o mais alto da América Latina e fica bem distante da média mundial que é de apenas 2,9. 14% dos alunos brasileiros abandonam os estudos ainda no primeiro ano no ensino fundamental.

A UNESCO apontou a baixa qualidade da educação brasileira pela situação atual. O ano mais crítico do Ensino fundamental é o 6º ano (5ª série). A UNESCO aponta como causas desses elevados índices a falta de estrutura como um todo do sistema de ensino, problemas de gestão, baixa qualificação profissional e metodologias inadequadas. Veja nos gráficos abaixo a situação da reprovação no Brasil.

A Figura 1.0 apresenta a situação da reprovação no Brasil em relação a outros países como também ao longo dos anos.

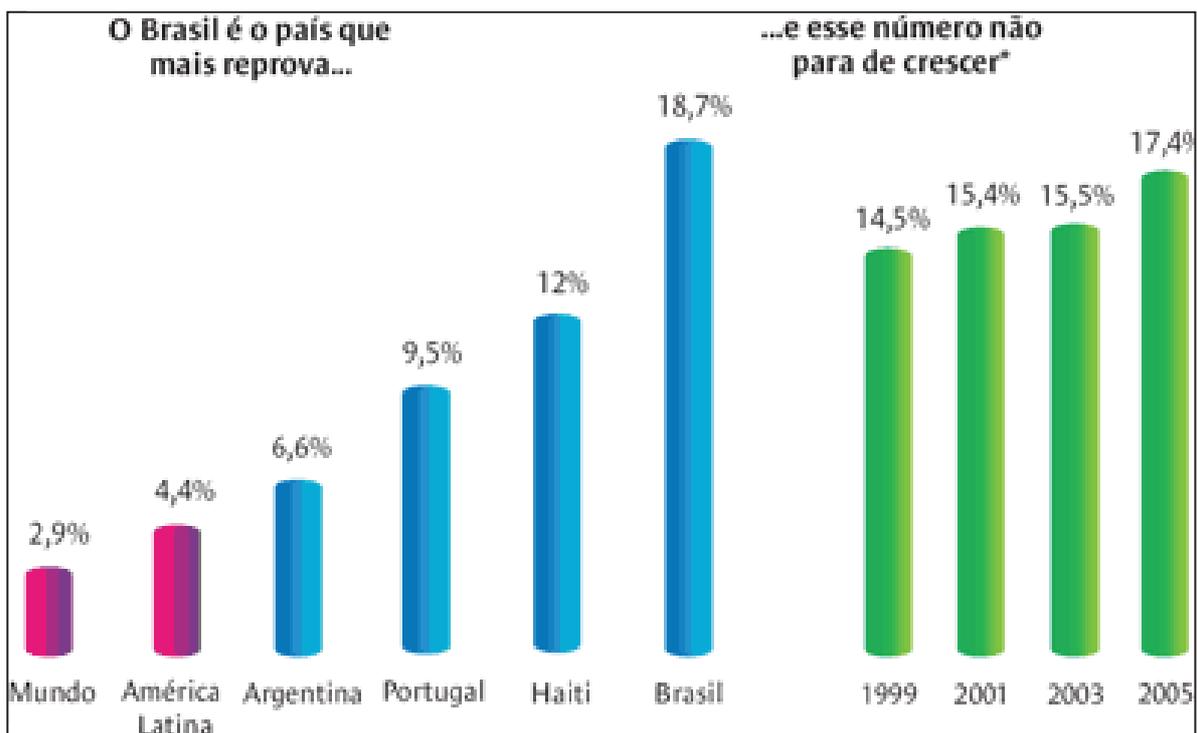


Figura 1.0 – Situação da Reprovação no Brasil.

Através da Figura 1.0 observa-se que o Brasil apresenta 18,7 % como índice de reprovação, sendo um país com maior percentual quando comparado com a média mundial, que é de 2,9 % e de países da América Latina, Argentina, Portugal e

Haiti. Esse índice é oito vezes maior que a média mundial e com o passar dos anos vem aumentando bastante, como se observa também nesta Figura.

2.2.3 Evasão

A evasão escolar é um problema endêmico e antigo do Brasil. Todos os anos milhares de crianças e adolescentes passam por essa experiência danosa ao seu futuro e ao do país. O problema é que a evasão é quase tida como comum entre os profissionais da educação, que no início do ano letivo não se preocupam em lotar as salas de aulas já que sabem que muitos dos alunos desaparecerão da escola. Já o reflexo desse descaso é sentido nas cadeias públicas, penitenciárias e centros de internação de adolescentes como salienta Murillo José Digiácomo (2010, p. 1) Promotor de Justiça integrante do Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente do Estado do Paraná:

As consequências da evasão escolar podem ser sentidas com mais intensidade nas cadeias públicas, penitenciárias e centros de internação de adolescentes em conflito com a lei, onde os percentuais de presos e internos analfabetos, semi-alfabetizados e/ou fora do sistema de ensino quando da prática da infração que os levou ao encarceramento margeia, e em alguns casos supera, os 90% (noventa por cento).

Segundo dados da Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE de 2004 e 2006 os principais motivos da evasão declarada, estão presentes na Tabela 3.0.

Tabela 3.0 – Motivos para a Evasão

Motivos para a Evasão	
Motivos	%
Ajudar nos afazeres domésticos	3,68%
Trabalho	20,69%
Falta de transporte	1,11%
Falta de dinheiro para se manter na escola	2,38%
Falta de documentação	1,03%
Falta de escola próxima	1,37%
Falta de vaga	1,72%
Conclui a série ou o curso desejado	5,51%
Doença	4,91%
Não quis frequentar	33,59%
Expulsão	0,49%
Impedimento dos pais	0,34%
Outro motivo	21,24%

Fonte: IBGE

A Tabela 3.0 apresenta dados sobre os possíveis motivos para a evasão segundo o IBGE. Verifica-se que 33,59% dos alunos desistem de freqüentar a escola; 21,24% tem outros motivos para não freqüentarem; 20,69% deixam de freqüentar por motivo de trabalho, seguidos de outros não menos importantes fatores.

As consequências da reprovação são diversas e trágicas. Podemos citar a baixa auto-estima, distorção série-idade, sob-emprego e aumento dos alunos na Educação de Jovens e Adultos. Já a superação desse quadro depende da união de forças de todos os seguimentos sociais e de determinação política como enfatiza o art. 8º da Declaração de Jomtien (1990, p. 10).

Políticas de apoio nos setores social, cultural e econômico são necessárias à concretização da plena provisão e utilização da educação básica para a promoção individual e social. A educação básica para todos depende de um compromisso político e de uma vontade política, respaldados por medidas fiscais adequadas e ratificados por reformas na política educacional e pelo fortalecimento institucional. Uma política adequada em matéria de economia, comércio, trabalho, emprego e saúde incentiva o educando e contribui para o desenvolvimento da sociedade.

Os elevados índices de reprovação no Brasil é resultado da falta de políticas educacionais adequadas à diversidade econômica, cultural e social da nossa população. A reversão dessa situação depende da compreensão que a educação é a base para o desenvolvimento humano.

2.3 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Desde a colonização do Brasil, por Portugal, a preocupação com a escolarização dos adultos é notada. Apesar da denominação “Educação de Jovens e Adultos” ser recente, a preocupação por essa educação é demonstrada pelos portugueses, ao alfabetizar e doutrinar os índios para a conversão da fé católica, por intermédio dos padres Jesuítas. Desse momento em diante, os estudiosos que vinham ou estavam no Brasil, assim como o Governo, continuaram a alfabetizar adultos, até que, em janeiro de 1947, foi aprovado o Plano de Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, por solicitação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Tal campanha foi

idealizada por Lourenço Filho, educador preocupado com a educação social, e agiu fortemente como movimento de mobilização em favor da educação de jovens e adultos analfabetos do Brasil.

Em 1949, foi realizada a I Conferência Internacional de Educação de Adultos, na Dinamarca. Após essa Conferência, a Educação de Adultos passou a ser idealizada como um tipo de Educação Moral. Sendo assim, a escola, não conseguindo superar todos os traumas causados pela Segunda Guerra Mundial, teve como finalidade principal, contribuir para o resgate do respeito aos direitos humanos e a construção da paz. E, no Brasil, em 1963, o Ministério da Educação finalizou a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos e no Brasil, muitos já foram os sujeitos “beneficiados” por eles, conforme afirmam Lopes e Sousa:

Inicialmente a alfabetização de adultos para os colonizadores, tinha como objetivo instrumentalizar a população, ensinando-a a ler e a escrever. Essa concepção foi adotada para que os colonos pudessem ler o catecismo e seguir as ordens e instruções da corte, os índios pudessem ser catequizados e, mais tarde, para que os trabalhadores conseguissem cumprir as tarefas exigidas pelo Estado (2010, p. 3).

Conforme o objetivo dos “governantes” sentia-se a necessidade de sujeitos alfabetizados, e assim, a escolarização era direcionada a grupos específicos: índios, colonos, escravos, para o melhor cumprimento de seu trabalho; homens jovens, a fim de prepará-los para as forças armadas; homens adultos, já na época da República, com intuito de terem mais votantes; etc. À medida que os trabalhos de campanhas de erradicação do analfabetismo mudavam de objetivo, os sujeitos atendidos foram mudando.

Segundo Freire *apud* Gadotti (1979, p. 72) nos anos 40 do século passado, a Educação de Adultos era entendida como uma extensão da escola formal, principalmente para a zona rural. Já na década de 50, a Educação de Adultos era entendida como uma educação de base, com desenvolvimento comunitário. Com isso, surgem, no final dos anos 50, duas tendências significativas na Educação de Adultos: a Educação de Adultos entendida como uma educação libertadora (conscientizadora) pontificada por Paulo Freire e a Educação de Adultos entendida como educação funcional (profissional) (ANJOS, 2007, p.2).

A década de 70 foi marcada com o início (efetivo) do Movimento Brasileiro de Alfabetização, o chamado sistema MOBRAL. Esse sistema, assim como a

pedagogia de Freire, foi desenvolvido para atender a população sócio-culturalmente subdesenvolvida. Entretanto, conforme Jannuzzi (1979, p. 21), o MOBRAL:

[...] sentiu necessidade de dar continuidade ao movimento nacional de alfabetização, recorrendo, entretanto, a outra proposta pedagógica, outra forma de organização, o que indicaria a inadequação da pedagogia de Paulo Freire aos novos objetivos políticos do sistema instaurado depois da derrocada do populismo anterior.

E, ao contrário do que defendia a Alfabetização de Paulo Freire, que “[...] implica mudança de atitude da elite e do povo” (JANNUZZI, 1979, p. 71), o MOBRAL tinha por objetivo a formação de um ser humano capaz de compreender ordens e “decifrar” informações, um sujeito que entenda o que lhe é solicitado, mas que não seja questionador. É a visão de que “[...] só a elite é sujeito transformador, o povo deve obedecer” (JANNUZZI, 1979, p. 71), a educação funcional, a educação para mão-de-obra.

Em 1985, com a redemocratização no Brasil, MOBRAL foi extinto, pela "Nova República" que criou a Fundação Educar, que, de acordo com Furlanetti (2001, p. 70, *apud* COSTA, 2009), “[...] teve o mérito de subsidiar experiências inovadoras de educação básica de jovens e adultos, conduzida por prefeituras municipais e instituições da sociedade civil que tinham como princípios filosóficos os postulados freiriano”. Entretanto, apesar da “bela” ideia, a Fundação não durou muito tempo, foram apenas quatro anos, até 1990. Após essa data, o Governo Federal esqueceu-se dessa modalidade de ensino, até o ano de 2002. A partir desse ano, a Educação de Jovens e Adultos é retomada, não como propósito do Ministério da Educação, mas como projeto social da então primeira dama Ruth Cardoso (COSTA, 2009).

O então governo federal (FHC) repassou a EJA para os estados e municípios. Contudo, foi esquecido que o recurso destinado à educação, o FUNDEF, não poderia ser utilizado para a EJA, uma vez que seu destino eram despesas do Ensino Fundamental regular. Sendo assim, estados e municípios formaram escolas de educação básica para Jovens e Adultos, porém, as deixaram um pouco de lado, por não receberem tanto “incentivo” do governo federal. No governo seguinte, Governo Lula, o incentivo à educação de jovens e adultos continuou no mesmo “ritmo”. Contudo, após o segundo ano do Governo Lula:

[...] as secretarias estaduais e municipais passaram a receber um percentual maior de recursos, porém o trabalho desenvolvido continuou sendo uma ação educativa pobre para os pobres. Há algumas iniciativas exitosas, mas são experiências isoladas localizadas principalmente no eixo sul/sudeste (COSTA, 2009, p.74).

Através dessa breve retrospectiva da educação de jovens e adultos no Brasil, percebemos que essa modalidade de ensino ainda não é uma pretensão da educação nacional. É necessária uma visão mais metódica do governo, para que seja percebida essa modalidade de ensino como tão fundamental quanto à educação básica de crianças na idade “escolar”, pois, apesar das modificações, a educação que antes era necessária para a formação de sujeitos eleitores, atualmente ainda é necessária para formação de sujeitos funcionais, capazes de ler manuais, para executar seu trabalho.

2.4 A EVASÃO ESCOLAR: SUAS DIVERSAS FACES E IMPLICAÇÕES

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (PAULO FREIRE, XXXX)

Sendo a evasão escolar um problema preocupante, a quem, realmente, interessa que alunos e alunas frequentem a escola e se tornem letrados? Os programas para combater o analfabetismo, a exemplo do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL/ 1967-1985), Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos (1985-1990), Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (1990-1992), Alfabetização Solidária (1997-2002), Brasil Alfabetizado (2003), o Ciclo de Estudos Básicos (CEB), o Programa de Educação Básica (PEB), a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e tantos outros, não apresentam resultados satisfatórios, uma vez que na prática o que os docentes constata é que os alunos e alunas egressos desses programas tornam-se, em sua grande maioria, analfabetos funcionais. Por outro lado, aqueles que estão realmente comprometidos com a educação, pouco podem fazer, pois seus poderes são limitados à regência de classe e pequenas ações isoladas.

2.5 A APRENDIZAGEM E SEU TEMPO

Desde que nascemos somos expostos a interações com diferentes ambientes e sujeitos. Tais interações permitem nosso desenvolvimento motor e intelectual. “As experiências (e sua aprendizagem) podem ocorrer tanto de forma consciente como também não-consciente” (LEGAL; DELVAN, 2009, p. 59), e não, necessariamente, precisamos que alguém nos ensine.

A aprendizagem tem início na fase intrauterina, e fim na morte de cada sujeito (LEGAL; DELVAN, 2009, apud, CATANIA,1999). Dessa forma, constata-se que durante toda nossa vida estamos em processo contínuo de aprendizagem, e que esta está sujeita a alterações, pois não é um processo que se estabiliza. Esse processo faz com que a pessoa saiba reconstruir o conhecimento, tendo uma visão crítica daquilo que aprendeu. Legal e Delvan (2009, p. 59) afirma que “[...] a aprendizagem interfere no próprio processo de aprendizagem”. A pessoa que apenas copia ou decora não está adquirindo a aprendizagem, ela está apenas aumentando sua bagagem de informações. A aprendizagem vai, além disso: ela reconstrói o conhecimento e faz sua própria elaboração.

Tudo o que fizemos, todos com quem nos relacionamos, sempre estamos passando por um processo de aprendizagem, que se dá através das relações com os outros, com o meio, com culturas, histórias... E que nos envolve em um processo de criação de competências, saberes e habilidades.

“A aprendizagem não é um amontoado sucessivo de coisas que se vão reunindo. Ao contrário, trata-se de uma rede ou teia de interações neuronais extremamente complexas e dinâmicas, que vão criando *estados gerais qualitativamente novos no cérebro humano*” (ASSMANN, 1998, p. 40).

Aprender, nada mais é do que o desenvolvimento do cérebro, da cognição. Segundo Assmann (1998, p. 132), aprender “não se trata apenas de entender conceitos novos, entendidos com ferramentas interpretativas. Trata-se de entender, antes de mais nada, quais são as consequências disso tudo para a transformação das relações pedagógicas”. Aprendemos dentro de nós e em relação com o meio, que também aprende conosco.

O modo como aprendemos cada ação, é individual, mas os fatores psicobiológicos, históricos e ambientais, influenciam em como esse processo se dá em nossas mentes. “Em situações distintas, somos requisitados a dar respostas

condicionadas ou a construir novas estratégias de resolução de problemas. Ambas, então, são aprendizagens importantes dentro de seus devidos contextos” (LEGAL; DELVAN, 2009, p. 66). Cada sujeito possui sua história de vida e cultura, e isso influi no desenvolvimento de como e quanto tempo levamos para aprender algo.

Há um ditado popular que diz que “não se ensina truques novos a macaco velho”. O dito tem como significado que, pessoas mais velhas, não podem aprender coisas novas. Contudo, tal ditado está muito equivocado. Sujeitos que estão muito tempo sem contato com o currículo e a rotina escolar, podem, sim aprender assuntos de diferentes áreas do conhecimento. Até mesmo das tidas como “difíceis”, que é o caso das exatas, matemática, física e química.

Isso indica que o tempo de aprendizagem diz respeito ao tempo necessário para assimilação de um determinado conteúdo pelo aluno. Esse tempo pode ser disposto como memória de curto prazo, conhecida também como memória de trabalho, e memória de longo prazo (LEGAL; DELVAN, 2009). De acordo com Legal e Delvan (2009) a memória de curto prazo é limitada e dura pouco, além de que é facilmente corrompida, pois essa memória faz uma espécie de “resumo” de todas as memórias de curto prazo, juntando com partes das memórias de longo prazo.

[...] Se nossa memória de curto prazo (trabalho) é limitada, esta limitação deveria ser levada em consideração nos planejamentos de ensino, pois grandes quantidades de informações deveriam ser divididas em partes menores e sequenciadas de modo que a aquisição dos conteúdos significativos de fato possa ocorrer (LEGAL; DELVAN, 2009, p. 82).

Neste sentido, pensar o fator “tempo” é pensar que todas as atividades desenvolvidas precisam ter uma duração adequada para que um estímulo seja assimilado pelo aluno. “Assim sendo, o tempo da aprendizagem é um tempo do aluno, um tempo determinado por uma série de acontecimentos em um sujeito específico” (SILVA, 2009, p. 230). Dessa forma, podemos observar porque, muitas vezes, a assimilação do conteúdo se deu, em alguns casos, em época posterior à entrega da tarefa solicitada.

Não há idade para aprender. No entanto, um fator deve ser levado em conta: as pessoas que estão há muito tempo sem contato com os conteúdos do currículo escolar (tanto de ensino fundamental, quando de ensino médio), ou que não possuem a cultura de lerem materiais diversificados sobre diferentes assuntos (ou não leem nada), estão propícios a terem um raciocínio e aprendizado mais lento.

A interferência do ambiente no sistema nervoso causa mudanças anatômicas e funcionais no cérebro. Assim, a quantidade de neurônios e conexões entre eles (sinapses) mudam dependendo das experiências pelas quais se passa. Antes, acreditava-se que as sinapses formadas na infância permaneciam imutáveis pelo resto da vida, mas há indícios de que não é assim (SALLA, 2012. p. 54).

Segundo Macedo, 2012 (*apud* SALLA, 2012, p. 54), a aprendizagem “[...] não é a mesma para todos, e também difere de acordo com os níveis de desenvolvimento de cada um, pois há domínios exigidos para que seja possível construir determinados conhecimentos”. Como na EJA uma mesma turma pode ter alunos de diversas idades – adolescentes ou adultos – e, assim, com diversas velocidades de raciocínio e aprendizagem, nesse caso, conforme Gohn (2005, p. 101), “são respeitadas as diferenças existentes para a absorção no processo de ensino-aprendizagem”. Esse respeito leva em conta o ritmo que cada sujeito possui nesse processo de ensino-aprendizagem, mas deve-se instigá-lo a esforçar-se, deve-se questioná-lo e “perturbá-lo”.

2.6 METODOLOGIA PARA EJA

Como aprender não existe limite de idade, mas sim metodologia apropriada, a EJA atualmente se defronta com o desafio da adequação metodológica que deve se basear em dois pilares: O aluno e o professor. Essa relação deve ser orientada da seguinte maneira segundo Paulo Freire (2002, p. 58):

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizandos assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem.

A primeira proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos teve seu projeto inicial divulgado no ano de 1995 e foi fruto de um amplo debate na sociedade

civil e acadêmica. Essa proposta é uma referência para que estados e municípios elaborem suas propostas. Além disso, objetiva a adequação de materiais didáticos e a formação de educadores nessa modalidade.

Pedagogicamente essa proposta está embasada nos princípios de uma pedagogia ética, social e política. O ideário da educação popular também é considerado, à medida que valoriza o diálogo entre os agentes e a participação no processo de ensino e aprendizagem. O aluno é um ser de saberes que deve ser considerado e valorizado. A proposta curricular deve levar em consideração esses princípios que são mencionados na proposta curricular da EJA, (1997, p. 26).

Qualquer projeto de educação fundamental orienta-se, implícita ou explicitamente, por concepções sobre o tipo de pessoa e de sociedade que se considera desejável, por julgamentos sobre quais elementos da cultura são mais valiosos e essenciais. O currículo é o lugar onde esses princípios gerais devem ser explicitados e sintetizados em objetivos que orientem a ação educativa.

O educador da Educação de Jovens e Adultos deve se utilizar de práticas criativas, problematizadoras, éticas, plurais, reconhecer, comparar, julgar, recriar e propor novas práticas para que o aluno se sinta um agente ativo no processo de ensino e aprendizagem. É nessa linha pedagógica que Paulo Freire defendia e sustentava sua teoria:

Por isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador e que identificasse, como claramente observou um jovem sociólogo brasileiro (Celso Beisiegel), o conteúdo da aprendizagem com o processo de aprendizagem. Por essa razão, não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o analfabeto mais à condição de objeto de alfabetização do que de sujeito da mesma. (FREIRE, 1979, p. 72).

Atualmente se questiona o uso das práticas pedagógicas do ensino regular no ensino da EJA. Os professores e equipe pedagógica é quem deve refletir e decidir sobre o uso de alguma metodologia ou material didático do Ensino Regular na EJA, já que são eles que estão diretamente convivendo com a realidade de cada aluno. O que não pode é usar indiscriminadamente, sem o apoio de uma proposta

pedagógica que leve em conta todos os aspectos do processo de ensino e aprendizagem.

2.7 NOVOS E ANTIGOS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES DA EJA

Os déficits da formação inicial de professores no que se refere à qualificação para o trabalho na EJA ampliam as responsabilidades e desafios da formação continuada, que precisa garantir que os educadores conheçam concepções e metodologias de referência na área e possam aperfeiçoar sua prática. Os programas de formação continuada poucas vezes se integram adequadamente à jornada de trabalho dos professores, ou às condições de trabalho na escola.

As universidades, organizações da sociedade civil e as redes de ensino público devem estabelecer parcerias para desenvolver novas estratégias de formação, aliando a formação à inovação, sistematização e avaliação de experiências. É fundamental ampliar os focos e abordagens das ações de formação e, ao mesmo tempo, trabalhar para a implantação de novos currículos e formas de organizar o espaço e tempo escolar.

Outro desafio grande é a estabilidade dos professores no campo da EJA. Poucas redes contratam professores para essa modalidade, atendida predominantemente por meio da sobra de período de professores do ensino regular. Muitos profissionais identificados com a EJA acabam tendo dificuldades de manter uma atuação continuada, as equipes docentes mudam e muito do trabalho formativo vai se perdendo.

A institucionalização e o reconhecimento da EJA como uma modalidade educativa que deve compor permanentemente os sistemas de ensino deverá impulsionar a sua inclusão na formação inicial dos educadores e fortalecer a formação em serviço. Quando o enorme déficit educacional que o país tem com os milhões de jovens e adultos que não concluíram a educação básica for saldado, o que levará ainda um bom tempo, os educadores de EJA poderão dedicar-se exclusivamente à educação continuada. Para isso, entretanto, precisarão ter o conceito da EJA como modalidade educativa totalmente incorporada.

2.8 PERFIL DOS DISCENTES DA EJA

O perfil da clientela da EJA é bem diversificado e tem em comum a vitimação de um processo de exclusão do sistema capitalista de acordo com a Proposta Curricular da EJA, (1997, p. 15) e que por isso tem que ter uma metodologia diversificada.

Do ponto de vista sociocultural, entretanto, eles formam um grupo bastante heterogêneo. Chegam à escola já com uma grande bagagem de conhecimentos adquiridos ao longo de histórias de vida as mais diversas. São donas de casa, balconistas, operários, serventes da construção civil, agricultores, imigrantes de diferentes regiões do país, mais jovens ou mais velhos, homens ou mulheres, professando diferentes religiões. Trazem, enfim, conhecimentos, crenças e valores já constituídos. É a partir do reconhecimento do valor de suas experiências de vida e visões de mundo que cada jovem e adulto pode se apropriar das aprendizagens escolares de modo crítico e original, sempre da perspectiva de ampliar sua compreensão, seus meios de ação e interação no mundo.

A EJA atende a jovens acima de 14 anos com um histórico de fracasso no Ensino Regular. Eles não se excluíram desse ensino, foram excluídos por um sistema de ensino historicamente excludente e incapaz de atender aos padrões de qualidade. Entretanto, os números mostram que grande parte dos alunos da EJA são aqueles que nunca tiveram oportunidade de frequentar a escola na idade apropriada. Também o que levam jovens e adolescentes a voltarem para a sala de aula são as novas exigências do mercado de trabalho que exigem no mínimo o Ensino Fundamental completo.

O Brasil já integrou à sua produção industrial e ao setor de prestação de serviços o uso das tecnologias, assim, quem quer um lugar no mercado de trabalho tem que ter uma escolarização mínima. É com esse público que professores e pedagogos se deparam.

São adolescentes que tem baixa autoestima, imagem negativa de si mesmo, não tem, na sua maioria, um projeto de vida, estão na escola para satisfazer aos pais. Tudo isso leva à indisciplina e conflito com a escola. São ou foram tidos como alunos desinteressados. O mais grave nisso é que esses atributos são ditos por aqueles que deveriam zelar pela aprendizagem desses alunos, o professor. São profissionais sem qualificação, com uma visão discriminatória e pré-formada dos alunos.

Outra parcela desses alunos é composta por adolescente, jovens e adultos trabalhadores que após cansativas horas de jornada de trabalho durante o dia, se dedicam aos estudos noturnos com o objetivo de galgar melhora na vida profissional e, conseqüentemente, na vida financeira, social e pessoal. Abrem mão de momentos de lazer, das suas famílias, para frequentar uma escola que sem segurança, sem ou com professores faltosos e tendo de conviver com o dilema da “delinquência” nas escolas noturnas.

É importante que a escola leve em consideração que a clientela da EJA tem sua cultura, sua religião, pode ter uma família formada, ter um emprego, ou seja, sua história de vida; que já é um cidadão. Cabe a escola e a seus profissionais ajudar esses jovens e adultos na busca da realização de seus objetivos: conquistar o mundo letrado ou aprimorá-lo, dominar as operações matemáticas e um pouco das ciências humanas e sociais. Assim deve se basear no pensamento freiriano e pôr-se à disposição dos sujeitos reconhecendo seus saberes, interesses e necessidades. Deve ser um momento de crescimento para o aluno e para o professor, um processo de ensino-aprendizagem construído por meio da problematização.

Para Paulo Freire ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criatividade, estética, ética, risco, aceitação do novo, rejeição a qualquer forma de discriminação. Ensinar não é transferir conhecimento, ensinar exige consciência do inacabamento, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância, apreensão da realidade, alegria, esperança, comprometimento, curiosidade, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, exige também saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica e exige disponibilidade para o diálogo e para repensar.

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Deixando as inúmeras preocupações de lado, o presente estudo tem como objetivo investigar a causa ou a motivação para uma baixa frequência e a crescente evasão na EJA. Como reverter isso? Quais alunos devemos envolver numa pesquisa? Quais são as razões que os levam a buscar a escola? Na opinião desses alunos seria a evasão escolar prejudicial para a sua aprendizagem? O que, na opinião desses alunos, bem como do corpo técnico e docente, podemos fazer para estimular os alunos e fazer da escola uma parceira no desenvolvimento da comunidade?

A metodologia de pesquisa utilizada foi o estudo de caso e os métodos quantitativos. Os dados foram coletados por meio de questionários realizados com os alunos, professores e funcionários da escola mencionada anteriormente.

Os dados foram coletados na escola durante o mês de outubro do ano de 2013. Foram feitas 150 entrevistas, entre alunos, corpo docente e técnicos escolares. Foram analisadas as chamadas nas cadernetas entre os meses de março e setembro, a fim de se verificar a frequência percentual de cada aluno.

Para a construção do diagnóstico das necessidades, tivemos algumas conversas com membros docentes e discentes da escola, para daí montarmos um panorama da instituição em questão.

A realização desta pesquisa foi feita inicialmente através de livros, artigos científicos e revistas impressas e eletrônicas. Assim, o presente trabalho adota características de uma pesquisa de campo, desenvolvida através de abordagens quantitativas e qualitativas do processo ensino-aprendizagem, onde coletou-se dados junto à secretaria da escola com ficha de matrícula e livro de registro.

Além disso, foram aplicados questionários e entrevistas junto a professores, apoio pedagógico e alunos desistentes e não desistentes. Os questionários e as entrevistas foram aplicados com todos os professores e todo o corpo técnico-pedagógico, já com os alunos desistentes a amostra foi de 2% a 5% dos alunos.

A Pesquisa Quantitativa considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas

A Pesquisa Qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

Para obtenção de dados optou-se pela aplicação de questionários junto a supervisão pedagógica (APÊNDICE 1), professores (APÊNDICE 2), corpo técnico (APÊNDICE 3) e aos alunos (APÊNDICE 4), levantando informações sobre suas principais atividades desenvolvidas, os materiais utilizados, as metodologias empregadas, os projetos desenvolvidos e as principais carências e dificuldades, apresentando através de gráficos, citações, imagens exibidos nos resultados obtidos.

3.2 LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO

A investigação do objeto de estudo desenvolveu-se na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Pinto na cidade de Bayeux – Paraíba, junto aos alunos do EJA nas três séries deste segmento – 1º, 2º e 3º anos -, buscando descobrir os possíveis motivos para tão gritante evasão escolar.

3.2.1 Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Pinto



Figura 2.0 – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Pinto

Fonte: Arquivo pessoal.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Pinto foi inaugurada em 06 de abril de 1981, no governo do Doutor Tarcísio de Miranda Burity, com o apoio direto da Secretaria de Educação Professora Giselda Navarro Dutra.

A escola foi registrada originalmente no Cartório do 1º Ofício de Títulos e Documentos de Bayeux, sob o nº 145/97 de Ato recolhido de funcionamento com decreto de criação 8966/81.

A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O ensino é ministrado com base nos seguintes princípios:

O Ensino Fundamental, com duração mínima de 09 anos (nove anos), tem por objetivo a formação básica do cidadão, organizando-se de acordo com as leis vigentes do país, constando de áreas de conhecimento que integram a base nacional comum e sua parte diversificada. Considera-se a possibilidade de qualificação do ensino e das aprendizagens, a partir da proposição de um trabalho pedagógico que assegure a valorização das singularidades, competências, saberes e necessidades dessa fase da vida.

Nesse sentido, proporcionam-se aos educandos os conhecimentos científicos, segundo seu desenvolvimento, em todas as áreas do saber, de forma sistemática, progressiva e contínua, através de atividades que os levem a observar, admirar, compreender, apreender, interpretar e analisar os fatos e a realidade natural e social, desenvolvendo competências e habilidades, necessárias à intervenção adequada à realidade, e os princípios dos direitos e deveres da cidadania, do respeito à ordem democrática.

O Ensino Médio é ministrado tendo como objetivos consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental possibilitando o prosseguimento dos estudos, a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando. Propiciando os meios para que se construam e se realizem como homens e mulheres conscientes e livres, capazes de se integrarem no contexto histórico-social cultural, bem como cidadãos responsáveis pela ação transformadora do meio e pelo desenvolvimento do País.

Educação de Jovens e Adultos – EJA assegura aos jovens e adultos que não tiveram acesso ao estudo, ou condições de sua continuidade na idade própria,

oportunidade educacionais apropriadas consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. Para participar desta modalidade de Educação a Lei 9.394/96 estabelece (artigo 38. §1. I e II): Maiores de 15(quinze) anos para o Ensino Fundamental, e maiores de 18(dezoito) anos para o Ensino Médio, levando-se em conta as diretrizes teóricas metodológicas da proposta curricular e a legislação vigente.

A distribuição do número de alunos por classe obedece às condições físicas de cada sala ou ambiente de realização das atividades e à limitação decorrente de norma legal porventura emanada pelo órgão competente. A organização das turmas e ou mudança de turno, obedece a critérios de ordem administrativa estabelecidos pelo Diretor juntamente com a Equipe Pedagógica, não cabendo ao educando e ou aos seus pais e responsáveis qualquer interferência neste aspecto.

No Ensino Fundamental no Ensino Médio e na EJA, as turmas são organizadas em séries/anos anuais.

O currículo do Ensino Médio e EJA constam das áreas de conhecimento que integram a Base Nacional Comum e a Parte Diversificada, conforme institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio e EJA. Porém, dentro das necessidades, a Escola altera seus programas, em consonância com a realidade da comunidade escolar e a legislação vigente.

No ano de 2007 não houve uma evasão considerável no EJA, porque as pessoas que procuravam este segmento eram pessoas com mais de 25 anos e queriam terminar o ensino médio, devido a sua faixa etária já se encontrar fora dos padrões. Nestes anos o que mais se destacou foi à falta de professores, de merenda escolar, a precariedade do prédio onde funcionava o EJA, pois o prédio era alugado e bastante precário.

Outros pontos a serem levados em consideração foram à falta de uma gestão mais atuante e a constante falta de água, tanto para o consumo quanto para a limpeza em geral.

No ano de 2012, houve uma melhora significativa, porque o EJA estava funcionando em prédio próprio no Colégio Irineu Pinto.

3.3 METODOLOGIA E ELABORAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

A referida pesquisa foi realizada na escola durante o mês de outubro do ano de 2013. Foram feitas 150 entrevistas, entre alunos, corpo docente e técnicos escolares, onde se aplicou questionários junto a supervisão pedagógica (APÊNDICE 1), professores (APÊNDICE 2), corpo técnico (APÊNDICE 3) e aos alunos (APÊNDICE 4), levantando informações sobre suas principais atividades desenvolvidas, os materiais utilizados, as metodologias empregadas, os projetos desenvolvidos e as principais carências e dificuldades, apresentando através de gráficos, citações, imagens exibidos nos resultados obtidos.

Foram analisadas as chamadas nas cadernetas entre os meses de março e setembro, a fim de se verificar a frequência percentual de cada aluno.

O questionário aplicado a supervisão escolar é constituído de 03 (três) perguntas objetivas e 04 (três) perguntas subjetivas que estão organizadas de forma a obter um maior número de informações para uma análise mais concreta do problema que a pesquisa analisa.

O questionário aplicado aos professores é constituído de 04 (quatro) perguntas objetivas e 03 (três) perguntas subjetivas.

O questionário aplicado ao corpo técnico é constituído de 04 (quatro) perguntas objetivas e 03 (três) perguntas subjetivas

O questionário aplicado aos alunos é constituído de 04 (quatro) perguntas objetivas e 03 (três) perguntas subjetivas. As perguntas dos questionários abordam pontos importantes para a análise da pesquisa, como por exemplo, qual é a interação comunidade-escola; se é possível perceber mudanças na Escola e na comunidade em decorrência dessa interação; se os professores estão preparados para administrar aulas para o EJA; se os principais objetivos da EJA estão sendo alcançados na Escola; as principais dificuldades no seu desenvolvimento, e como está inserida no currículo da Escola, dentre outros pontos abordados.

O questionário foi aplicado a todos os alunos que estavam presentes na sala de aula, onde foram tomadas todas as medidas para evitar possíveis erros na aplicação dos mesmos, evitando respostas copiadas dos outros colegas ou influenciadas pelo professor na ocasião e sempre tirando todas as dúvidas que fossem surgindo, a fim de alcançar um resultado confiável e concreto.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS QUESTIONÁRIOS

A pesquisa teve como objetivo verificar o motivo do crescente aumento da evasão escolar na EJA na E.E.E.F.M Irineu Pinto e como isto está sendo visto nas perspectivas dos docentes e discentes, bem como destacar o nível de conscientização da direção Escolar e do corpo técnico e como ambos vêm trabalhando para minimizar os impactos causados por essa evasão. Dessa forma questionamos se a direção da Escola, os Professores e os alunos contribuem para uma possível diminuição desta evasão.

Em conversas com alunos das séries citadas, pudemos colher informações que nos dão um parecer da situação da escola, onde foram citados no âmbito estrutural: salas não climatizadas (ventiladores quebrados), cadeiras quebradas e insuficientes, banheiros aquém do ideal (observado em loco). No que diz respeito a aparatos e equipamentos para instrução, nos foi passado que há uma biblioteca, que encontra-se com infiltrações e um déficit de livros, um laboratório de informática, com equipamentos insuficientes e alguns danificados, uma sala de vídeo com retro projetor (observado em loco), um laboratório de ciências, a respeito do qual um aluno fez o seguinte comentário: “onde raramente se entra” dados colhidos, que ilustram a realidade das escolas periféricas.

Em relação às atividades desenvolvidas pela escola, os alunos nos informaram que na mesma existe o PROJETO MAIS EDUCAÇÃO, que nas palavras dos alunos, fornece aulas de reforço ao alunado que se disponibilizar. Os mesmos mencionaram a necessidade de atividades extraclasse, justificada pelas poucas oportunidades de interação com outros ambientes. Quando perguntado aos alunos sobre o caráter das aulas oferecidas pelos professores, os mesmos responderam que são “normais”, mas que necessitavam de mais dinâmica para melhorar o aprendizado. Seguindo essa abordagem, perguntamos sobre as aulas de educação física, e os mesmos responderam que: “nós temos um ginásio, então, jogamos bola”, o que deixou transparecer a partir do exposto o caráter prático das aulas, com conteúdo reduzido.

4.1.1. Resultados e discussão do questionário aplicado à Supervisão Pedagógica da E. E. E. F.M. Irineu Pinto.

O questionário aplicado à Supervisão Pedagógica teve 03 (três) perguntas objetivas e 04 (três) perguntas subjetivas. A primeira pergunta refere-se ao sexo do entrevistado.

Na segunda pergunta foi questionado se a EJA atende a toda comunidade. Foi respondido que sim.

Na terceira pergunta foi questionado se os professores contribuem para uma educação diferenciada. Foi respondido que sim.

Na quarta pergunta questionou-se sobre o porquê do aluno escolher o segmento da EJA. “É que ele se matricula na EJA para compensar o tempo perdido, no caso dos alunos com mais idade e nos casos dos mais jovens para terminarem logo”.

Na quinta pergunta foi questionado sobre o possível motivo para a evasão da EJA. “A falta de estímulo, e cansaço do trabalho”.

Na sexta pergunta questionou-se o que pode ser feito para diminuir esta evasão na EJA. “Melhorar a qualidade do ensino”.

Na sétima pergunta foi questionado o que falta para que o ensino da EJA evolua. “Ter um acompanhamento melhor para professores e alunos e aulas mais atrativas e dinâmicas”.

4.1.2 Resultados e discussão do questionário aplicado aos Professores da EJA na E.E.E.F.M. Irineu Pinto.

O questionário aplicado aos Professores teve 04 (quatro) perguntas objetivas e 03 (três) perguntas subjetivas. A primeira pergunta refere-se ao sexo do entrevistado.

Na segunda pergunta foi questionado porque ensinar na EJA. “São turmas presentes em maior número na escola e que para complementar a carga horária de trabalho dos professores, se faz necessário o ensino nas mesmas”.

Na terceira pergunta foi questionado se o professor se identifica com a EJA.

Foi respondido que sim.

Na quarta pergunta foi questionado se os conteúdos aplicados são específicos para a EJA, e se segue os livros tradicionais. “Não, aplico o conteúdo normal, utilizando dos livros tradicionais, por falta de material didático voltado ao segmento”.

Na quinta pergunta foi questionado se o professor recebeu treinamento para lecionar na EJA. Foi respondido que não.

Na sexta pergunta foi questionado se a escola oferece material específico para a EJA. Foi respondido que não.

Na sétima pergunta foi questionado o que pode ser melhorado na escola para que o ensino da EJA evolua. “Especialização e formação específica para a EJA”.

4.1.3 Resultados e discussão do questionário aplicado ao corpo técnico da E.E.E.F.M. Irineu Pinto

O questionário aplicado aos Professores teve 04 (quatro) perguntas objetivas e 03 (três) perguntas subjetivas. A primeira pergunta refere-se ao sexo do entrevistado.

Na segunda pergunta foi questionado se a EJA atende a toda comunidade. Foi respondido que sim.

Na terceira pergunta foi questionado se os professores contribuem para uma educação diferenciada. Foi respondido que não.

Na quarta pergunta questionou-se sobre o porquê do aluno escolher o segmento da EJA. “Porque muitos trabalham e vêm no EJA uma forma de ter o certificado mais rápido”.

Na quinta pergunta foi questionado se a escola oferece condições necessárias para o bom desenvolvimento dos trabalhos. Foi respondido que sim.

Na sexta pergunta questionou-se o que pode ser feito para diminuir esta evasão na EJA. “A falta de professores na sala de aula, e também o cansaço depois do trabalho”.

Na sétima pergunta questionou-se o que pode ser feito para diminuir esta evasão na EJA. “Uma participação maior dos professores em sala de aula e também um planejamento diferenciado para esta modalidade”.

4.1.4 Resultados e discussão dos questionários aplicados aos alunos da EJA na E.E.E.F.M. Irineu Pinto

O questionário aplicado aos Alunos teve 04 (quatro) perguntas objetivas e 03 (três) perguntas subjetivas. A primeira pergunta refere-se ao sexo do entrevistado.

Na segunda pergunta foi questionado porque escolheu estudar na EJA. “Porque já que eu não tive a oportunidade de estudar, escolhi o EJA, e também vou terminar em 2 anos apenas”.

Na terceira pergunta foi questionado se a EJA correspondeu as suas expectativas. Foi respondido que sim.

Na quarta pergunta foi questionado sobre o que deve ser melhorado na EJA. “O professor devia passar mais tempo na sala de aula, para recuperarmos o tempo perdido, pois assim ele ensina algo a mais”.

Na quinta pergunta foi questionado se os conteúdos abordados correspondem com a realidade do aluno. Foi respondido que não.

Na sexta pergunta foi questionado se os professores contribuem para uma melhor educação. Foi respondido que sim.

Na sétima pergunta foi questionado o que pode ser melhorado na escola para que o ensino da EJA evolua. “Ter professor só para o EJA, que não seja dividido com outras turmas da escola normal”.

4.2 ANÁLISE DOS ALUNOS MATRICULADOS VERSUS EVASÃO NAS TURMAS DA EJA DE 2007 A 2012 DA E.E.E.F.M. IRINEU PINTO.

Quadro 1 – Alunos 2007.1

ALUNOS - 2007.1	1º A	1º B	1º C	2º A	2º B	3º A	3º B
MATRICULADOS	48	31	35	37	46	36	43
APROVADOS	34	26	25	31	31	35	38
REPROVADOS	0	2	7	4	5	0	0
DESISTENTES	14	3	3	2	10	1	5
% EVASÃO	29,2	9,6	8,5	5,4	21,7	2,7	11,6

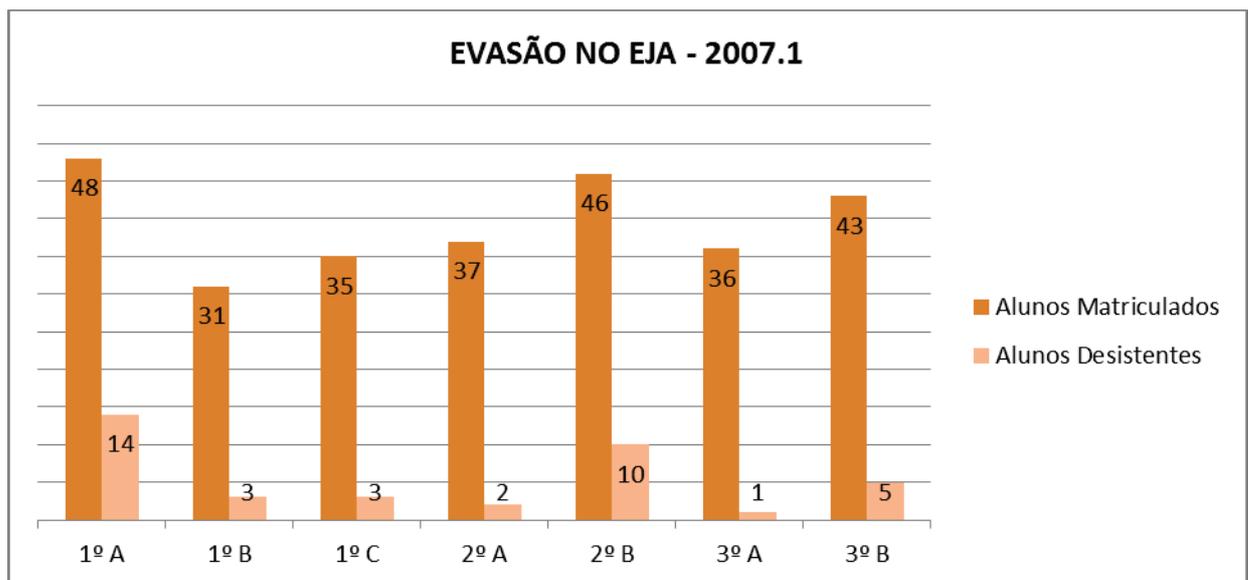


Gráfico 1.0 – Evasão no EJA - 2007.1 Fonte: Elaboração Própria

Nas turmas de 2007.1, dos 114 alunos matriculados nos 1º anos, 20 se evadiram, 9 foram reprovados e o restante foram aprovados. Nas turmas do 2º anos, dos 83 alunos matriculados, 12 se evadiram, 9 foram reprovados e os demais aprovados. No entanto, dos 79 alunos matriculados na última série do ensino médio, apenas 6 se evadiram e o restante foi aprovado. Este menor índice de desistência no 3º ano deve está relacionado à procura pelo diploma de conclusão, visto que abrirá novos caminhos no campo de trabalho.

Quadro 2 – Alunos 2007.2

ALUNOS - 2007.2	1º A	1º B	1º C	2º A	2º B	3º A	3º B
MATRICULADOS	54	43	27	41	64	44	42
APROVADOS	42	32	16	32	45	32	29
REPROVADOS	5	5	3	3	4	3	11
DESISTENTES	7	7	8	6	15	9	2
% EVASÃO	12,9	16,3	29,6	14,6	23,4	20,4	4,7

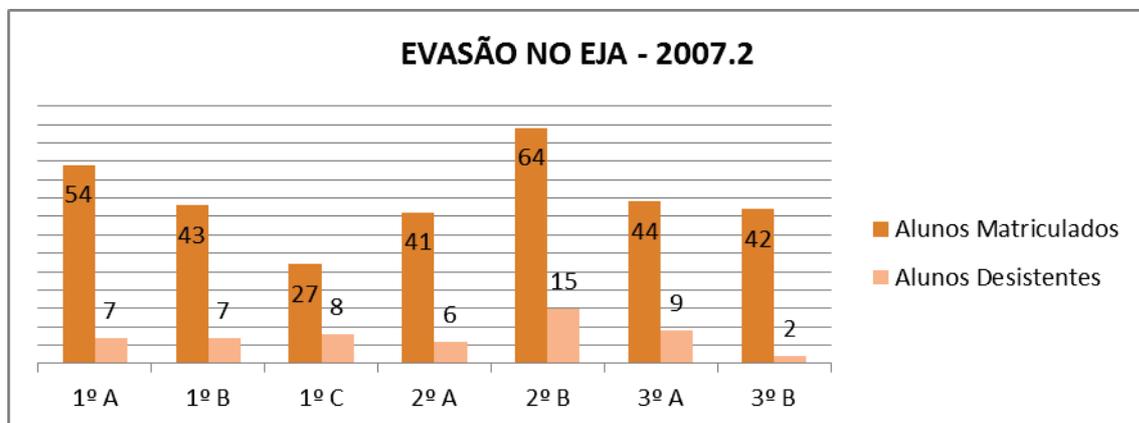
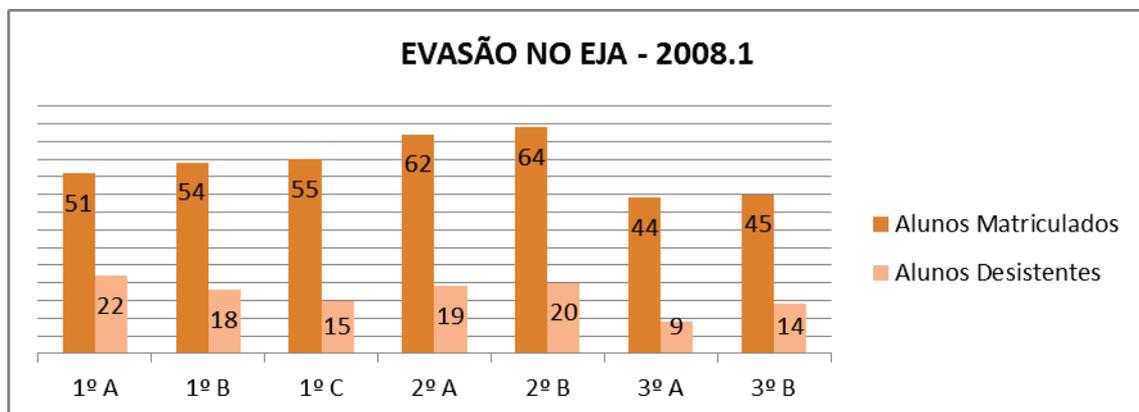


Gráfico 2.0 – Evasão no EJA - 2007.2 Fonte: Elaboração Própria

Nas turmas de 2007.2, dos 124 alunos matriculados nos 1º anos, 22 se evadiram, 13 foram reprovados e o restante foram aprovados. Nas turmas do 2º anos, dos 105 alunos matriculados, 21 se evadiram, 7 foram reprovados e os demais aprovados. No entanto, dos 86 alunos matriculados na última série do ensino médio, apenas 11 se evadiram, 14 foram reprovados e o restante foram aprovados. Este menor índice de desistência no 3º ano deve estar relacionado à procura pelo diploma de conclusão, visto que abrirá novos caminhos no campo de trabalho.

Quadro 3 – Alunos 2008.1

ALUNOS - 2008.1	1º A	1º B	1º C	2º A	2º B	3º A	3º B
MATRICULADOS	51	54	55	62	64	44	45
APROVADOS	26	26	37	35	42	34	31
REPROVADOS	3	1	3	8	2	1	0
DESISTENTES	22	18	15	19	20	9	14
% EVASÃO	43,1	33,3	27,3	30,6	31,2	20,4	31,1

**Gráfico 3.0 – Evasão no EJA - 2008.1****Fonte:** Elaboração Própria

Nas turmas de 2008.1, dos 160 alunos matriculados nos 1º anos, 55 se evadiram, 7 foram reprovados e o restante foram aprovados. Nas turmas do 2º anos, dos 126 alunos matriculados, 39 se evadiram, 10 foram reprovados e os demais aprovados. No entanto, dos 89 alunos matriculados na última série do ensino médio, 23 se evadiram, 1 foi reprovado e o restante foram aprovados. Este menor índice de desistência no 3º ano deve estar relacionado à procura pelo diploma de conclusão, visto que abrirá novos caminhos no campo de trabalho.

Quadro 4 – Alunos 2008.2

ALUNOS - 2008.2	1º A	1º B	1º C	2º A	2º B	3º A	3º B
MATRICULADOS	55	54	49	64	64	45	42
APROVADOS	22	19	26	35	46	26	29
REPROVADOS	7	2	4	8	3	2	2
DESISTENTES	26	33	19	21	15	17	11
% EVASÃO	47,3	61,1	38,7	32,8	23,4	37,7	26,2

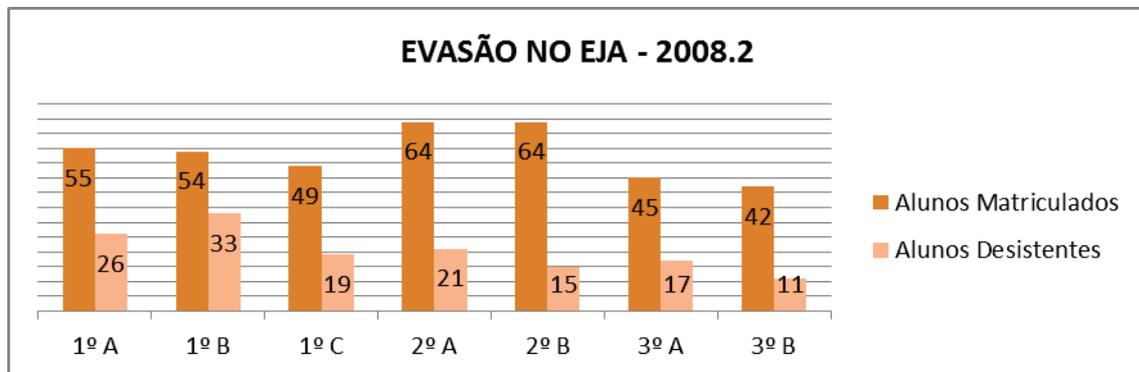
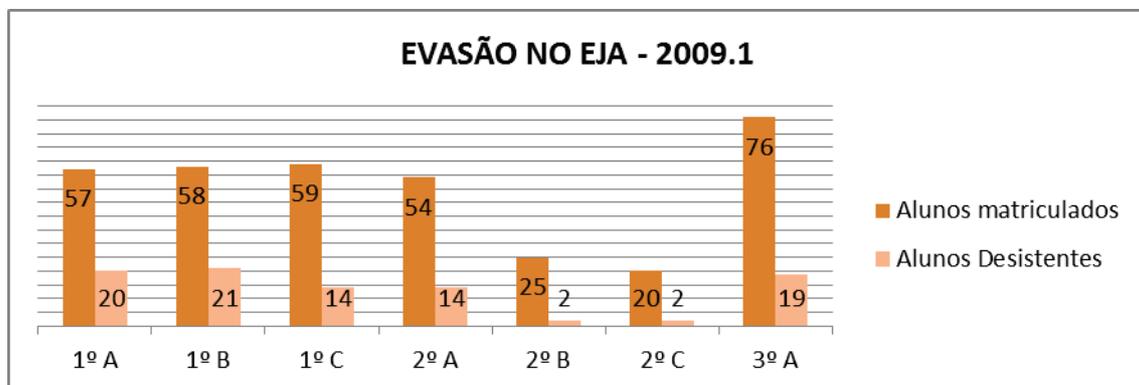


Gráfico 4.0 – Evasão no EJA – 2008.2 Fonte: Elaboração Própria

Nas turmas de 2008.2, dos 158 alunos matriculados nos 1º anos, 78 se evadiram, 13 foram reprovados e o restante foram aprovados. Nas turmas do 2º anos, dos 128 alunos matriculados, 36 se evadiram, 11 foram reprovados e os demais aprovados. No entanto, dos 87 alunos matriculados na última série do ensino médio, 28 se evadiram, 4 foram reprovados e o restante foram aprovados. Este menor índice de desistência no 3º ano deve estar relacionado à procura pelo diploma de conclusão, visto que abrirá novos caminhos no campo de trabalho.

Quadro 5 – Alunos 2009.1

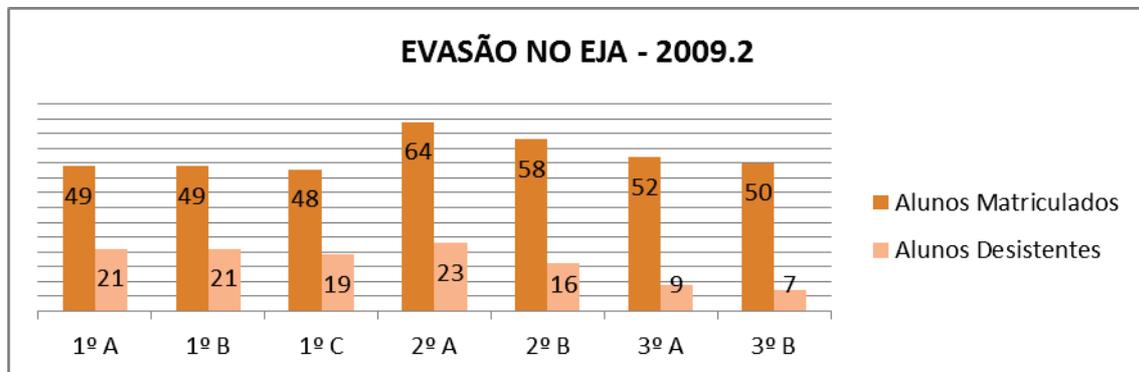
ALUNOS - 2009.1	1º A	1º B	1º C	2º A	2º B	2º C	3º A
MATRICULADOS	57	58	59	54	25	20	76
APROVADOS	34	34	45	35	22	14	54
REPROVADOS	3	3	0	5	1	4	3
DESISTENTES	20	21	14	14	2	2	19
% EVASÃO	35,1	36,2	23,7	25,9	8,0	10,0	25,0

**Gráfico 5.0 – Evasão no EJA - 2009.1** Fonte: Elaboração Própria

Nas turmas de 2009.1, dos 174 alunos matriculados nos 1º anos, 55 se evadiram, 6 foram reprovados e o restante foram aprovados. Nas turmas do 2º anos, dos 99 alunos matriculados, 18 se evadiram, 10 foram reprovados e os demais aprovados. No entanto, dos 76 alunos matriculados na última série do ensino médio, 19 se evadiram, 3 foram reprovados e o restante foram aprovados. Este menor índice de desistência no 3º ano deve estar relacionado à procura pelo diploma de conclusão, visto que abrirá novos caminhos no campo de trabalho.

Quadro 6 – Alunos 2009.2

ALUNOS - 2009.2	1º A	1º B	1º C	2º A	2º B	3º A	3º B
MATRICULADOS	49	49	48	64	58	52	50
APROVADOS	28	27	28	31	39	39	41
REPROVADOS	0	1	1	10	3	4	2
DESISTENTES	21	21	19	23	16	9	7
% EVASÃO	42,8	42,8	39,5	35,9	27,5	17,3	14,0

**Gráfico 6.0 – Evasão no EJA – 2009.2** Fonte: Elaboração Própria

Nas turmas de 2009.2, dos 146 alunos matriculados nos 1º anos, 61 se evadiram, 2 foram reprovados e o restante foram aprovados. Nas turmas do 2º anos, dos 122 alunos matriculados, 39 se evadiram, 13 foram reprovados e os demais aprovados. No entanto, dos 102 alunos matriculados na última série do ensino médio, 16 se evadiram, 6 foram reprovados e o restante foram aprovados. Este menor índice de desistência no 3º ano deve estar relacionado à procura pelo diploma de conclusão, visto que abrirá novos caminhos no campo de trabalho.

Quadro 7 – Alunos 2010.1

ALUNOS - 2010.1	1º A	1º B	1º C	2º A	2º B	3º A	3º B
MATRICULADOS	44	42	45	63	62	50	54
APROVADOS	19	21	25	47	43	32	36
REPROVADOS	3	0	0	0	0	0	0
DESISTENTES	22	21	20	16	19	18	18
% EVASÃO	50,0	50,0	44,4	25,4	30,6	36,0	33,3

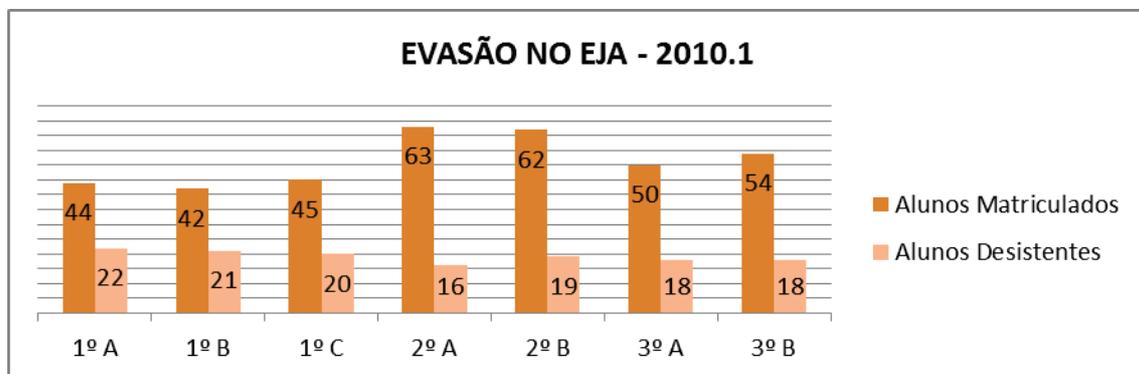


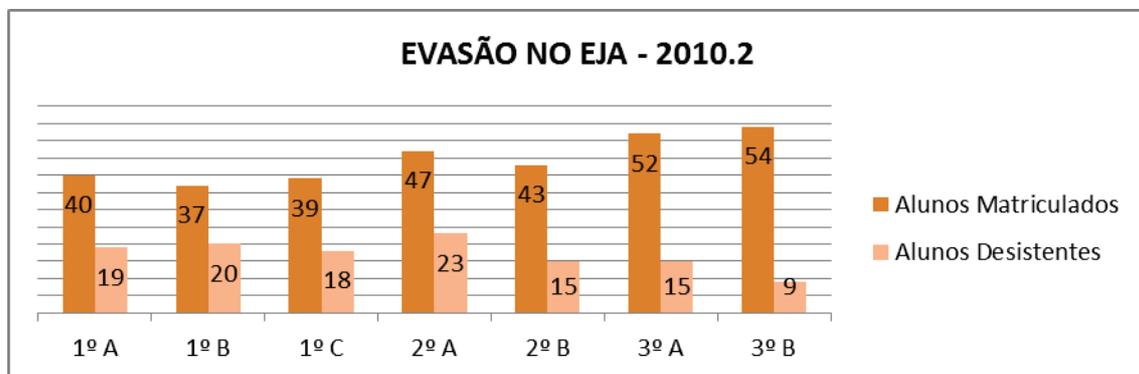
Gráfico 7.0 – Evasão no EJA - 2010.1

Fonte: Elaboração Própria

Nas turmas de 2010.1, dos 131 alunos matriculados nos 1º anos, 63 se evadiram, 3 foram reprovados e o restante foram aprovados. Nas turmas do 2º anos, dos 125 alunos matriculados, 35 se evadiram, e os demais aprovados. No entanto, dos 104 alunos matriculados na última série do ensino médio, 36 se evadiram, e o restante foram aprovados. Este menor índice de desistência no 3º ano deve estar relacionado à procura pelo diploma de conclusão, visto que abrirá novos caminhos no campo de trabalho.

Quadro 8 – Alunos 2010.2

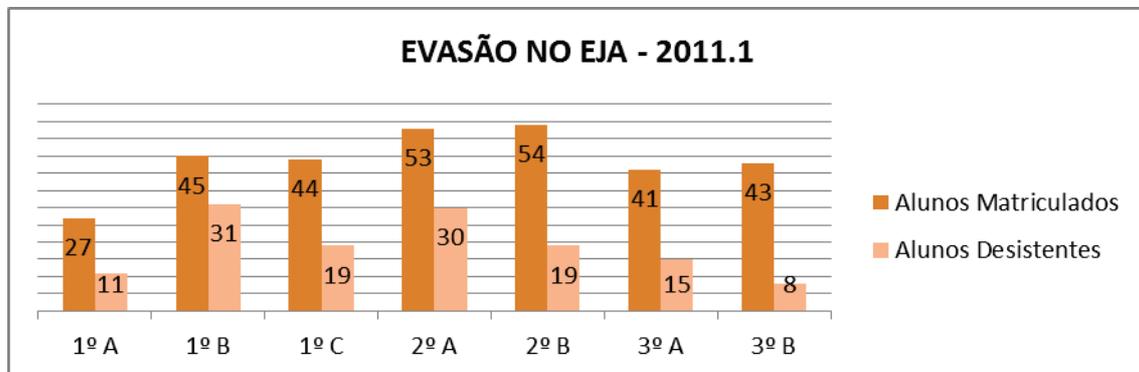
ALUNOS - 2010.2	1º A	1º B	1º C	2º A	2º B	3º A	3º B
MATRICULADOS	40	37	39	47	43	52	54
APROVADOS	21	16	21	24	32	37	43
REPROVADOS	0	1	0	0	0	0	2
DESISTENTES	19	20	18	23	15	15	9
% EVASÃO	47,5	54,0	46,1	48,9	34,8	28,8	16,6

**Gráfico 8.0 – Evasão no EJA – 2010.2** Fonte: Elaboração Própria

Nas turmas de 2010.2, dos 116 alunos matriculados nos 1º anos, 57 se evadiram, 1 foi reprovado e o restante foram aprovados. Nas turmas do 2º anos, dos 90 alunos matriculados, 38 se evadiram, e os demais aprovados. No entanto, dos 106 alunos matriculados na última série do ensino médio, 24 se evadiram, 2 foram reprovados e o restante foram aprovados. Este menor índice de desistência no 3º ano deve estar relacionado à procura pelo diploma de conclusão, visto que abrirá novos caminhos no campo de trabalho.

Quadro 9 – Alunos 2011.1

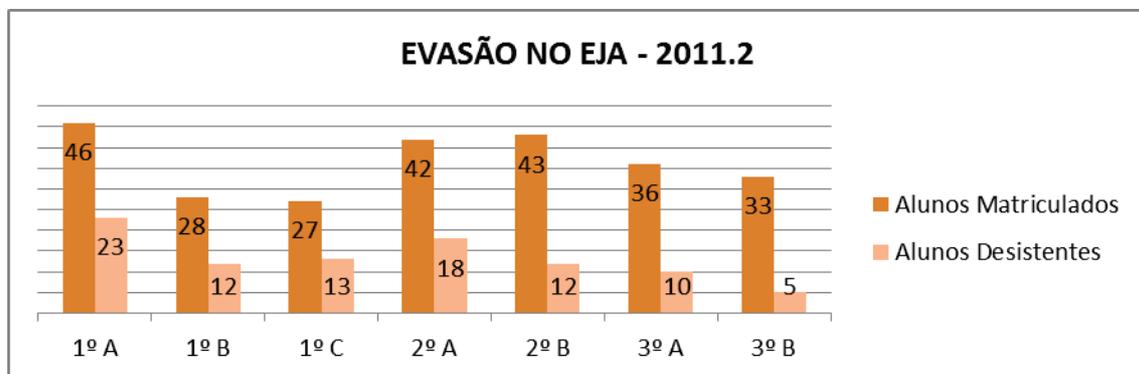
ALUNOS - 2011.1	1º A	1º B	1º C	2º A	2º B	3º A	3º B
MATRICULADOS	27	45	44	53	54	41	43
APROVADOS	15	14	25	22	32	26	35
REPROVADOS	1	0	0	1	3	0	0
DESISTENTES	11	31	19	30	19	15	8
% EVASÃO	40,7	68,8	43,2	56,6	35,2	36,6	18,6

**Gráfico 9.0 – Evasão no EJA – 2011.1** Fonte: Elaboração Própria

Nas turmas de 2011.1, dos 116 alunos matriculados nos 1º anos, 61 se evadiram, 1 foi reprovado e o restante foram aprovados. Nas turmas do 2º anos, dos 107 alunos matriculados, 49 se evadiram, 4 foram reprovados e os demais aprovados. No entanto, dos 84 alunos matriculados na última série do ensino médio, 23 se evadiram e o restante foram aprovados. Este menor índice de desistência no 3º ano deve estar relacionado à procura pelo diploma de conclusão, visto que abrirá novos caminhos no campo de trabalho.

Quadro 10 – Alunos 2011.2

ALUNOS - 2011.2	1º A	1º B	1º C	2º A	2º B	3º A	3º B
MATRICULADOS	46	28	27	42	43	36	33
APROVADOS	22	16	13	24	28	25	28
REPROVADOS	1	0	1	0	3	1	0
DESISTENTES	23	12	13	18	12	10	5
% EVASÃO	50,0	42,8	48,1	42,8	27,9	27,7	15,1

**Gráfico 10.0 – Evasão no EJA – 2011.2** **Fonte:** Elaboração Própria

Nas turmas de 2011.2, dos 101 alunos matriculados nos 1º anos, 48 se evadiram, 2 foram reprovados e o restante foram aprovados. Nas turmas do 2º anos, dos 85 alunos matriculados, 30 se evadiram, 3 foram reprovados e os demais aprovados. No entanto, dos 69 alunos matriculados na última série do ensino médio, 15 se evadiram, 1 foi reprovado e o restante foram aprovados. Este menor índice de desistência no 3º ano deve estar relacionado à procura pelo diploma de conclusão, visto que abrirá novos caminhos no campo de trabalho.

Quadro 11 – Alunos 2012.1

ALUNOS - 2012.1	1º A	1º B	1º C	2º A	2º B	3º A	3º B
MATRICULADOS	25	26	27	37	37	40	37
APROVADOS	18	12	13	20	24	26	30
REPROVADOS	0	1	0	3	0	0	0
DESISTENTES	7	13	14	14	13	14	7
% EVASÃO	28,0	50,0	51,8	37,8	35,1	35,0	18,9

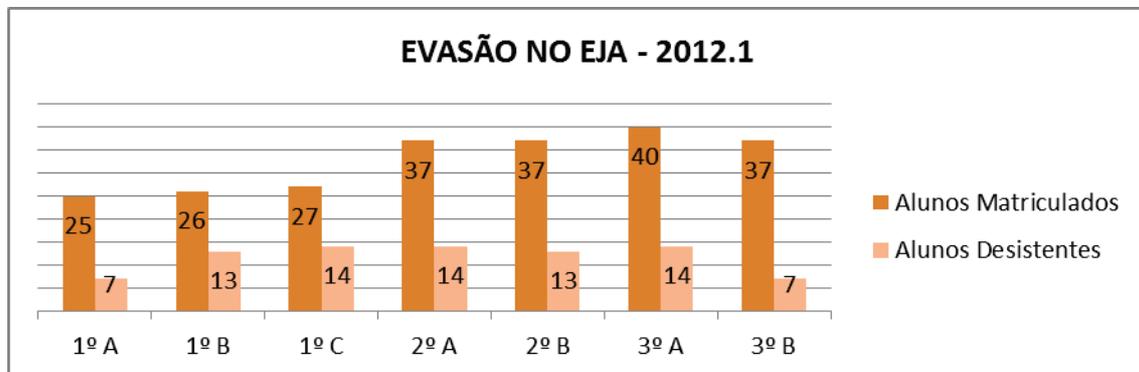


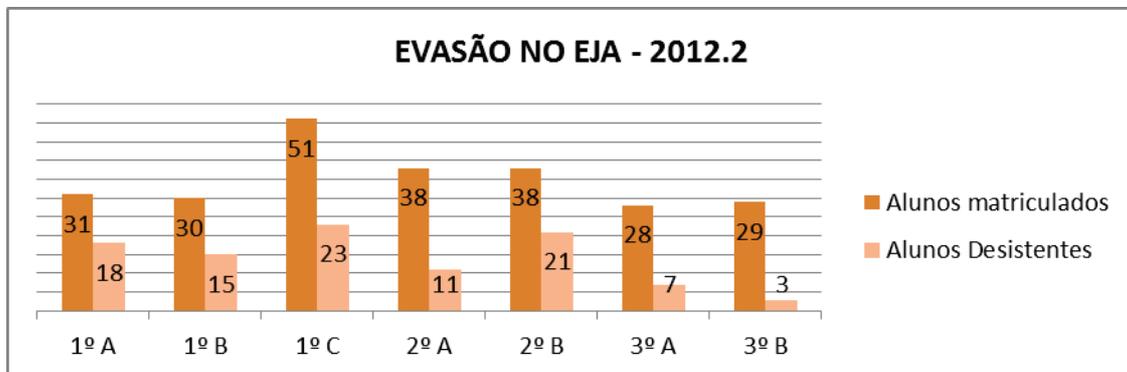
Gráfico 11.0 – Evasão no EJA – 2012.1

Fonte: Elaboração Própria

Nas turmas de 2012.1, dos 78 alunos matriculados nos 1º anos, 20 se evadiram, 1 foi reprovado e o restante foram aprovados. Nas turmas do 2º anos, dos 74 alunos matriculados, 27 se evadiram, 3 foram reprovados e os demais aprovados. No entanto, dos 77 alunos matriculados na última série do ensino médio, 21 se evadiram e o restante foram aprovados. Este menor índice de desistência no 3º ano deve estar relacionado à procura pelo diploma de conclusão, visto que abrirá novos caminhos no campo de trabalho.

Quadro 12 – Alunos 2012.2

ALUNOS - 2012.2	1º A	1º B	1º C	2º A	2º B	3º A	3º B
MATRICULADOS	31	30	51	38	38	28	29
APROVADOS	13	15	28	27	14	21	25
REPROVADOS	0	0	0	0	3	0	1
DESISTENTES	18	15	23	11	21	7	3
% EVASÃO	58,1	50,0	45,1	28,9	55,3	25,0	10,3

**Gráfico 12.0 – Evasão no EJA – 2012.2** **Fonte:** Elaboração Própria

Nas turmas de 2012.2, dos 112 alunos matriculados nos 1º anos, 56 se evadiram e o restante foram aprovados. Nas turmas do 2º anos, dos 76 alunos matriculados, 32 se evadiram, 3 foram reprovados e os demais aprovados. No entanto, dos 57 alunos matriculados na última série do ensino médio, 10 se evadiram, 1 foi reprovado e o restante foram aprovados. Este menor índice de desistência no 3º ano deve estar relacionado à procura pelo diploma de conclusão, visto que abrirá novos caminhos no campo de trabalho.

No ano de 2007 não houve uma evasão considerável no EJA, porque as pessoas que procuravam este segmento eram pessoas com mais de 25 anos e queriam terminar o ensino médio, devido a sua faixa etária já estar fora dos padrões. Nestes anos o que mais se destacou foi à falta de professores, de merenda escolar,

a precariedade do prédio onde funcionava o EJA, pois o prédio era alugado e bastante precário.

Outros pontos a serem levados em consideração foram à falta de uma gestão mais atuante e a constante falta de água, tanto para o consumo quanto para a limpeza em geral.

No ano de 2012, houve uma melhora significativa, porque o EJA estava funcionando em prédio próprio no Colégio Irineu Pinto.

A evasão se mostra maior nas séries iniciais – 1º e 2º anos -, pelos fatores mais distintos possíveis: gravidez indesejada, uso de drogas, conflitos sociais, indisposição pós-trabalho, professores ausentes, assuntos pouco relevantes na concepção deles, entre outros. Já no 3º ano o interesse é maior, ora porque este é o último ano, ou pela necessidade de adquirir o diploma, visto que alguns seguimentos da sociedade do Município onde se localiza a Escola em destaque exigem o Certificado de Conclusão do Ensino Médio.

Pouco se faz para a diminuição desta evasão tão gritante, os governos não intensificam um trabalho de conscientização para o uso de métodos contraceptivos nas escolas; o combate ao uso de drogas só se dá no âmbito repressivo; faltam políticas públicas que beneficiem o uso de transporte coletivo gratuito para os estudantes; falta uma qualificação específica para os professores da EJA, bem como uma programação pedagógica, voltada para a realidade desses alunos.

Enfim, enquanto todos os atores envolvidos nesta prática de ensino, não se comprometerem ao máximo, esses índices só tenderão a aumentar, visto que a relação entre os alunos matriculados e os desistentes se dá através de uma “função exponencial”, logo, a nossa reação tem que ser imediata.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evasão escolar em qualquer nível de ensino é um desafio para os profissionais da educação e uma chaga no nosso sistema de ensino. Números da evasão no Brasil mostram que a todo ano milhares de crianças e adolescentes deixam as salas de aulas pelos mais diversos motivos. A evasão escolar é concretizada quando o aluno deixa de frequentar as aulas no decorrer do ano letivo.

As causas da evasão na EJA como apontam nosso referencial, são diversas, como é diversa a sua clientela, como por exemplo, problemas socioeconômicos, falta de qualificação dos profissionais e metodologias inadequadas.

Educação de Jovens e Adultos – EJA assegura aos jovens e adultos que não tiveram acesso ao estudo, ou condições de sua continuidade na idade própria, oportunidade educacionais apropriadas consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

A metodologia de pesquisa utilizada foi o estudo de caso e os métodos quantitativos. Os dados foram coletados por meio de questionários realizados com os alunos, professores e funcionários da escola mencionada anteriormente.

O foco da construção do diagnóstico desse trabalho foi em cima dos depoimentos de alguns alunos, em específico os do sexto e nono anos, onde pudemos levantar algumas informações a respeito do dia a dia e da realidade escolar, além da oferta de opções extraescolares, que encaramos como oportunidades de incrementar e dar novo fôlego ao processo ensino aprendizagem.

O resultado apontou a necessidade que os alunos têm de trabalhar e o cuidado com os filhos como os motivos mais marcantes da evasão escolar naquela unidade de ensino, o que fortalece o pensamento de que os governos das três esferas, municipal, estadual e federal, num trabalho conjunto, adotem medidas socioeconômicas para minimizar a evasão, principalmente no que tange ao trabalho como obstáculo à permanência na escola.

Na visão da equipe, a escola se mostra estruturalmente regular, podendo melhorar suas instalações e se equipar com aparatos para promover um aprendizado mais efetivo, além de promover mudanças em sua dinâmica pedagógica, incrementando e transformando o ambiente escolar em ambiente de

mudanças). Ratifica-se esse resultado com uma citação de Gadotti (1994, p.30), citando Paulo Freire:

A educação está vinculada à luta e organização de classe do oprimido. A classe oprimida é maior do que a classe operária. Só a partir do capitalismo é que se pode falar, com propriedade, em classes sociais. Foi o capitalismo que deu às classes sociais um contorno nítido. Entretanto, não se pode dizer que antes dele não havia igualmente oprimidos e opressores. A opressão encontra-se também entre os próprios oprimidos.

Diante dos problemas identificados como motivos de evasão na escola selecionada para pesquisa, principalmente no que diz respeito à necessidade de trabalhar, o maior contribuinte para evasão, é necessário que sejam traçadas linhas de ação básicas, na tentativa de viabilizar a transformação da vida sócio-econômica dos alunos, para que não abandonem os estudos e ex- alunos, para que retornem à sala de aula, e assim, a escola possa desempenhar seu papel educativo.

Para tanto, é preciso envolver decisões político-administrativo-pedagógicas, os alunos, os professores, os auxiliares, os funcionários, os pais, os membros da comunidade. É preciso envolver o elemento humano, as pessoas e, através delas mudar a cultura que se vive naquela comunidade.

Acredita-se estar em vias de superar os problemas de acesso à escola, e há vagas para quase todos. Porém, a maneira precária como vivem os moradores de comunidades pobres, semelhante à que a escola pesquisada está inserida, constitui-se num grave problema para o sistema de ensino e, desafia o governo e os diversos setores da sociedade. Por isso, é longo o caminho a percorrer para garantir um ensino de qualidade e a permanência dos alunos na escola.

Há um reconhecimento por parte dos docentes em relação à importância de se investir na formação de professores, a fim de contribuir para reverter o quadro de evasão escolar, porém a questão não é quantitativa, e sim qualitativa. Muito mais pode ser feito, como por exemplo, maiores investimentos na área da saúde, principalmente no controle da gravidez precoce ou indesejada, geração de empregos, igualdade na distribuição de renda, maior segurança, mais programas eficazes de moradias populares, melhor remuneração dos docentes, aumento do número de escolas do mesmo nível das chamadas "escola de referência" ou "escola

modelo", incentivo à participação da família na vida do estudante, práticas pedagógicas de acordo com o contexto em que o aluno está inserido, dentre outros.

Como será o último ano de gestão dessa direção que está aqui há oito anos, vamos tentar consolidar tudo isso que nós conseguimos fazer durante esse período. Consolidar significa fazer com que as coisas se desenvolvam de tal maneira que não haja retrocesso. O mal da educação é o retrocesso. De repente vem outra pessoa com outra forma de trabalho e diz que nada do que o outro fez presta, e começa tudo do zero. Isso é terrível para a educação. Vamos, então, tentar promover a consolidação de todas as ações desenvolvidas de maneira que, se alguém quiser dizer que não valeu, outro diga que valeu e que quer continuar assim. Fazer com que o cenário da educação pública realmente possa apresentar para o Brasil um trabalho de qualidade.

É preciso, no entanto, que essas iniciativas não venham a ser esquecidas pelos atuais governantes, e que sejam continuadas pelos próximos. Mesmo sendo um problema crônico, se todos se engajarem nessa luta, por certo, ter-se-á mais crianças nas escolas, e conseqüentemente, menos nas ruas, além de jovens e adultos retomando os estudos, melhorando o quadro sócio-cultural de onde está situada a escola.

6. REFERÊNCIAS

ANJOS, André Gustavo Cosme dos. **Educação de Jovens e Adultos: A Formação do Processo Prático-Educativo e sua importância no ensino-aprendizagem.** Disponível em: < <http://br.monografias.com/trabalhos3/educação-jovens/educação-jovens2.shtml> - Acesso em: Abr. 2014.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. BRASIL. **Lei 9394/96 de 20.12.96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.**

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COSTA, Antônio Cláudio Moreira. **Educação de jovens e adultos no Brasil: Novos programas, velhos problemas.** (s/d) Disponível em: http://www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq8/4_educacao_jovens_cp8.pdf - Acesso em: Abr. 2014.

_____. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem.** Jomtien, 1990.

Despacho do Ministro em 7/6/2000, publicado no Diário Oficial da União de 9/6/2000, Seção 1e, p. 15. **Ver Resolução CNE/CEB 1/2000, publicada no Diário Oficial da União de 19/7/2000, Seção 1, p. 18.**

DIGIÁCOMO, Murillo José, 1969 - **Estatuto da criança e do adolescente anotado e interpretado / Murillo José Digiácomo e Ideara Amorim Digiácomo.** - Curitiba .. Ministério Público do Estado do Paraná. Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente, 2013. 6ª Edição.

Educação de Jovens e Adultos: **Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental.** São Paulo: Ação Educativa - Assessoria, Pesquisa, Informação; Brasília: Ministério Da Educação E Do Desporto, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: **Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURLANETTI, M. P. de F. R. **Compartilhando Experiências, dialogando com a prática da alfabetização.** 1ª Edição, Canal 6, SP, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro.** 5ª. Ed. São Paulo: Ática, 1994. 173 p.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

JANNUZZI, Gilberta Martino. **Confronto pedagógico: Paulo Freire e MOBRAL.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

LEGAL, José Eduardo e DELVAN, Josiane da Silva. **Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem.** Indaial, SC: ASSELVI, 2009.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. **EJA: uma educação possível ou mera utopia?** CEREJA. 2010.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio.** Porto Alegre, RG: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** 11 Edição. São Paulo. Cortez, 2000.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro.** São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SALLA, Fernanda. **Toda a atenção para a Neurociência.** In: Revista Nova Escola. São Paulo, ed. 253, p. 48 – 55, jun./jul. 2012.

SILVA, João Alberto da. **O sujeito psicológico e o tempo da aprendizagem.** In: Cadernos de Educação. Pelotas, RS, p. 229 - 250, jan./abr. 2009.

7. APÊNDICES

APÊNDICE 1: Questionário aplicado à supervisão pedagógica da EJA.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

QUESTIONÁRIO PARA A SUPERVISÃO PEDAGÓGICA DA EJA

Caro (a) supervisor (a), estamos desenvolvendo uma pesquisa que versa sobre a Evasão na EJA em nossa Escola e tem como objetivo principal investigar a abordagem pedagógica, currículo e toda a estrutura que cerca esta modalidade de ensino. Sua colaboração é fundamental para a realização desta pesquisa, que é parte integrante da formação docente, motivo pelo qual solicitamos gentilmente que responda o presente questionário.

Agradecemos antecipadamente.

Graduando: Luiz André dos Santos Silva

Professora : Soraia Carvalho

1. Sexo: () Feminino () Masculino

2. A EJA atende a toda Comunidade: () Sim () Não

3. Os professores contribuem para uma educação diferenciada?

() Sim () Não

4. A seu ver o aluno da EJA escolhe este segmento por quê?

5. Qual o possível motivo para a evasão na EJA?

6. O que pode ser feito para diminuir esta evasão na EJA?

7. O que falta na Escola para que o ensino da EJA evolua?

APÊNDICE 2: Questionário aplicado aos professores da EJA.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR DA EJA

Caro (a) professor (a), estamos desenvolvendo uma pesquisa que versa sobre a Evasão na EJA em nossa Escola e tem como objetivo principal investigar a abordagem pedagógica, currículo e toda a estrutura que cerca esta modalidade de ensino. Sua colaboração é fundamental para a realização desta pesquisa, que é parte integrante da formação docente, motivo pelo qual solicitamos gentilmente que responda o presente questionário.

Agradecemos antecipadamente.

Graduando: Luiz André dos Santos Silva

Professora : Soraia Carvalho

1. Sexo: () Feminino () Masculino

2. Por que ensinar na EJA?

3. Você se identifica com este segmento? () Sim () Não

4. Você aplica conteúdos específicos para o EJA, ou segue os livros tradicionais?

5. Você recebeu treinamento para lecionar na EJA? () Sim () Não

6. A Escola oferece material específico para a EJA? () Sim () Não

7. O que pode ser melhorado na Escola para que o ensino da EJA evolua?

APÊNDICE 3: Questionário aplicado ao corpo técnico da escola.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

QUESTIONÁRIO PARA O CORPO TÉCNICO DA ESCOLA

Caro (a) servidor (a), estamos desenvolvendo uma pesquisa que versa sobre a Evasão na EJA em nossa Escola e tem como objetivo principal investigar a abordagem pedagógica, currículo e toda a estrutura que cerca esta modalidade de ensino. Sua colaboração é fundamental para a realização desta pesquisa, que é parte integrante da formação docente, motivo pelo qual solicitamos gentilmente que responda o presente questionário.

Agradecemos antecipadamente.

Graduando: Luiz André dos Santos Silva

Professora : Soraia Carvalho

1. Sexo: () Feminino () Masculino

2. A EJA atende a toda Comunidade: () Sim () Não

3. Os professores contribuem para uma educação diferenciada?

() Sim () Não

4. A seu ver o aluno da EJA escolhe este segmento por quê?

5. A escola oferece condições necessárias para o bom desenvolvimento dos trabalhos?

Sim Não

6. Qual o possível motivo para a evasão na EJA?

7. O que pode ser feito para diminuir esta evasão na EJA?

APÊNDICE 4: Questionário aplicado aos alunos da EJA.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO DA EJA

Caro (a) aluno (a), estamos desenvolvendo uma pesquisa que versa sobre a Evasão na EJA em nossa Escola e tem como objetivo principal investigar a abordagem pedagógica, currículo e toda a estrutura que cerca esta modalidade de ensino. Sua colaboração é fundamental para a realização desta pesquisa, que é parte integrante da formação docente, motivo pelo qual solicitamos gentilmente que responda o presente questionário.

Agradecemos antecipadamente.

Graduando: Luiz André dos Santos Silva

Professora : Soraia Carvalho

1. Sexo: () Feminino () Masculino

2. Por que você escolheu estudar na EJA?

3. A EJA correspondeu suas expectativas? () Sim () Não

4. O que deve ser melhorado na EJA?

5. Os conteúdos abordados condizem com a sua realidade? () Sim () Não

6. Os professores contribuem para uma melhor educação? () Sim () Não

7. O que pode ser melhorado na Escola para que o ensino da EJA evolua?

8. ANEXO

ANEXO 1: Fotos tiradas durante a pesquisa na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Pinto.

Fotos 1, 2, 3 e 4 - Aplicação do questionário aos alunos



(Foto 1)

Fonte – Pesquisa de campo



(Foto 2)

Fonte – Pesquisa de campo



(Foto 3)

Fonte – Pesquisa de campo



(Foto 4)

Fonte – Pesquisa de campo